

Código de identificação do ficheiro: LAR01-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 00:05-02:21	Inquiridor2:
Assunto: Os animais bravios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 01	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INF A gente, nós por aqui também não temos visto {pp} a {PHlnũ=não} ser raposas. Raposa é que há umas raposinhas. Raposas é que se vêem bastante. [AB|Mas a raposa {pp}]

INQ Mas a raposa não ataca o rebanho?

INF Só os borregos pequenos. A raposa só ataca o borrego pequeno; (as) /às\ ovelhas, não ataca. (Só havendo uma presa) /Só vendo-a presa\, se estiver tombada ou presa, também dá conta dela.

INQ Pois.

INF A raposa também dá conta dela. Mas {pp}, pronto, não é como o lobo. O lobo é que é um animal [AB|que] {pp} que tem bem mais (de instinto).

INQ Claro.

INF Ele, se entrar um rebanho, não pensa em comer. Enquanto puder, mata as que pode. É, é{fp}.

INQ Ah, portanto, não come? Mata-as para, para depois comer, lá está.

INF [AB|Enquanto] Mata primeiro. Logo que {PHlli=lhe} 'deiam' tempo, mata, mata! E, depois, {PHl=ao} fim de as matar todas então é que come uma um bocado e fica satisfeito. Agora, só {PHlli=lhe} puxa é para mal.

INQ Para mal.

INF Mais nada!

INQ Engraçado!

INF O ladrão do lobo era assim. {fp} Desapareceu e olhe que, {PHl=ao} menos nós, os criadores, {PHlnũ=não} nos deixa saudade nenhuma. Que andava a gente muito mal com ele!

INQ Pois, pois. Claro, Claro.

INF A gente{fp} {PHlnũ=não} sossegava, {PHlnũ=não} dormia por lá um pouco de noite,

{PHlnũ=não} podia dormir. Quando o gado estava... Porque às vezes ficava... Hoje já nem tanto!...

INQ Mas eles saltam o bardo lá para dentro?

INF Sim, porque... Não, destas...

INQ Por exemplo, com uma cancela dessas saltam?

INF Destas, será difícil, vá. Porque a gente, dessas, não usava antigamente. Antigamente era destas baixinhas.

INQ Pois, pois. Era aquelas mais pequenas, era fe-...

INF Era dum metro, um metro de altura. Isso não era nada para eles, não é? Pronto, é claro, a cada trigo que se cuidava, lá estava ele já no meio das ovelhas a fazê-las [AB|luma]... Correm umas para aqui, outras para ali. Coitadinhas! Vêem o bicho no meio a esfarrapar.

INQ Claro.

INF E às vezes eram dois ou três, não é? E andava a gente [AB|bastante] bastante atrapalhado com eles.

INQ Pois.

INF Agora vá lá, temos andado descansados. Já dorme a gente à vontade.

INQ Pois, pois.

INF E vá lá, pronto! {fp}

INQ Já é melhor!

INF {PH|o=Ao} menos a nós... Eu disse [AB|que] que, agora já tarde, {CT|ne=não é}, que lá os vão botando, que lá os trazem dos jardins e tal, e que lá os vão botando nessas serras altas para inçarem. Claro que também os quererão, também serão precisos, é claro. Mas nós, {PH|o}=aos} criadores, {PH|nũ=não} nos dá saudade nenhuma.

INQ Pois claro. Pois claro. É verdade...

INF Porque a gente, de noite, {PH|nũ=não} dormia. A gente, de noite, nesse tempo, {PH|nũ=não} podia dormir. Quando os bardos eram ruins, assim pequenos, a gente tinha que passar a noite alerta. Porque, às vezes, [AB|pa-] apareciam logo à noite, os cães andavam toda a noite para aqui e para ali, a gente não se podia dormir. Porque [AB|eles] eles são muito finos. [AB|Eles] Às vezes, há uns agarram com os cães e vêem outros, os cães não estão cá... [AB|Já me] Já me chegaram a amolar assim. Aparecia um, os cães iam com aquele; vinha depois outro por trás, {PH|nũ=não} havia cães, esfarrapavam a torto e a direito.

INQ Pois, pois, pois.

INF É, é.

INQ ...

INF Pronto. [AB|Tem a su-] A esperteza do animal é essa. E pronto. E a gente, pronto, via-se bastante mal com eles. Agora {pp} temos andado {fp} bem sossegada. Tem sido uma sorte grande!

Código de identificação do ficheiro: LAR02-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Cesário Idade: 14	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 02:23-04:26	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Os animais bravios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 02	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INF1 {fp} A raposa, se entrar a um lugar... E aqui a nós também. Já entrou aqui, também já levou as pitas todas quantas cá tínhamos. E{fp} [ABlali a] ali detrás deste palheiro já são duas vezes que lá vai também. Também {CT||e3=lhas} lixou{fp} todas, pronto, vá!

INF2 Já. E numa vez que {pp} vinha aqui na (.../N), vinha ele e deixou cair uma...

INF1 A primeira vez era assim escuro, assim de madrugada – que vinha a ordenhar o gado cedo – e vi [ABlsa-]... Até julguei que fosse um gato... Ainda se não via bem. Vejo saltar assim aquele vulto da parede assim a correr na minha frente. {fp} Pronto, eu julgava que era um gato. Mas nisto, [ABldeu assim um] – ela trazia uma galinha na boca – deu assim uns passos, deixou-a cair, virou-a de trás. Eu depois consoante a vi virar assim (contra) para mim, disse assim: "Oh, é uma puta duma raposa, (a puta e tal)". Bom, ela depois lá se tornou a escapar e vejo então a pita no chão. "Olha a"...

INQ1 Já morta?

INF1 Já morta. Disse: "Olha a excomungada"! Se eu vejo bem que era a raposa até {PHlli=lhe} podia {fp} dar com uma pedra ou coisa! Mas {PHl=ao} mesmo tempo, só vi...

INQ1 Pois.

INF1 Dês que ela virou contra mim é que vi bem que era uma raposa. "Olha a puta"! Vinha apanhar a pita que tinha deixado (além) cair. Depois até {PHlmẽ'demu3=mandámos} recado [ABlã{fp}] à dona, {PHl=ao} dono: "Olhe, venha a ver, que {pp} a raposa ia com uma pita, a ver [ABlse as le-] se as matou todas ou se deixou algumas"!

INQ1 Algumas.

INF1 Na altura parece-me que só foi seis. [ABlQue só] {fp} Tinha sido de madrugada, que só tinha matado seis. Não teve tempo de matar as outras todas. Mas agora há dias foi tudo. Escapou-se uma {RC|pe=-perua}... Só apareceu uma peruinha {PHl=ao} outro dia, até apareceu aqui. Lá se escondeu

onde {PH|'kerɐ=queira} e então {PH|ɔ=ao} outro dia à tarde, vejo-a aqui, estava aqui a peruinha.

Porque...

INQ1 A peruinha... Ah!

INF1 Uma peruinha de lá [AB|do] do tal capoeiro.

INQ1 Lá do coiso.

INF1 Pronto! [AB|Na-] Quando o homem veio, não viu ali nada. Viu tudo esfarrapadinho.

{PH|nũ=Não} viu nada vivo. E faltava então a perua. Diz: "Olha, foi a que levou, só"! [AB|N-] As outras, matou [AB|e este-] e ficou lá.

INQ2 E fica.

INF1 Pronto. E afinal depois então à tardinha, eu vim aqui, vejo aqui a peruinha. E logo me lembrou: "Olha, é do {PH|ti=tio} Childeberto, {PH|nũ=não} é de mais ninguém, que {PH|nũ=não} falta a mais ninguém". Depois mandei-{PH|i=lhe} recado, disse: "Olhe, está uma peruinha {PH|ɔ=ao} pé do meu palheiro" – depois até (a) meti ali para dentro – "deve ser a sua". "Ah, pois é. Olha, era a que faltava" e tal. Era a (que) faltava, que {PH|nũ=não} estava morta! Até julgava que a tivesse levado, mas lá se escondeu, o animal, e aí ficou então, pronto!

INQ1 Ah, pois. E ficou viva.

INF1 E foi assim. Ficou viva. Foi assim.

Código de identificação do ficheiro: LAR03-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 04:30-06:09	Inquiridor2:
Assunto: O gado vacum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 03	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ Tinha... Para trabalho tinha o quê?

INF Quer dizer, teve vacas e teve{fp} {RC|mu==mulas}... Teve até duas mulas.

INQ O macho da vaca como é que lhe chama? O vacho, o macho da vaca?

INF É boi.

INQ É o boi.

INF Os bois são bois, as vacas são vacas.

INQ Olhe, e aquela vaca que serve para dar leite, como é que lhe chama?

INF Vaca leiteira, vaca tourina. Tem dois nomes.

INQ ... Mas aqui como é que se chama mais?

INF {fp} Normalmente é{fp} vaca tourina. Vaca tourina. Umhas vacas tourinas. Tourina ou leiteira, vá, pronto. [AB|Eu] Tem os mesmos dois nomes. Uns chamam leiteira, outros tourina, pronto!

INQ Preta e branca?

INF Do trabalho, sim. Do trabalho, são vacas do trabalho, e as leiteiras são vacas do leite. Pronto, vaca tourina. É (a) vaca tourina. Pronto{fp}. Tourina ou a vaca leiteira. Mas normalmente nós aqui é mais tourinas. É mais aqui... Na nossa aldeia, é mais vaca tourina.

INQ Pois. Mas há cá bastantes?

INF Não, não. Só há (aí) duas.

INQ Ah, só há duas.

INF Só cá há duas. Houve...

INQ Mas para dar leite?

INF Para dar leite, pois. Só cá há duas. Dar leite e criar, vá{fp}. Tem...

INQ Não... Para trabalho não há cá nada?

INF Não. Para trabalho, não há. {fp}Havia aí muitas. Aqui há{fp} vinte anos atrás, havia aí, para aí cem vacas [AB|tanto] tanto do trabalho como tourinas. Havia aqui muita cria! Mas, é claro, {fp} o leite

{PH|nũ=não} tem dado assim muito – até ainda hoje é bastante barato – e as rações [AB|enc-] têm encarecido muito.

INQ Pois, não vale a pena.

INF E as pessoas pegaram a ver [AB|que] que, {PH|o=ao} fim e {PH|o=ao} cabo, [AB|n-] o leite {PH|nũ=não} {PH|i=lhe} dava {CT|pa=para as} rações. E então venderam-nas. E o único então [AB|são], o tal homem que tem... [AB|Teve] Esse tinha sempre praticamente duas do trabalho e duas tourinas, esse homem (aí). E então ficou então agora com duas tourinas. Arranjou duas bestas para fazer (o) trabalho – tem um macho e uma burra – e vendeu as duas do trabalho, tinha as duas vacas do trabalho e duas tourinas. Ficou então só com as duas tourinas e tem um macho e uma burra para fazer o trabalho e vendeu as duas do trabalho.

INQ Pois.

INF Só tem as tais duas tourinas.

Código de identificação do ficheiro: LAR04-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 06:32-11:05	Inquiridor2:
Assunto: O gado vacum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 04	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ Quando nasce um pequenino numa vaca, diz-se, chama-se-lhe o quê?

INF {fp} Tem também muitos nomes: é um bezerrinho, é um vitelinho, é uma vitelinha, uma bezerrinha.

INQ O que é... O que é que aqui se diz mais?

INF Normalmente, é mais um vitelinho ou uma vitelinha{fp}. Não é assim o costume muito de {PH|li=lhe} chamar bezerro. [AB|Há]

INQ Pois.

INF Há lugares que chamam, mas nós é: nasceu um vitelinho ou uma vitelinha, pronto. Uma vitela ou vitelo.

INQ Um?...

INF Ou vitelo ou vitela. Ou macho ou fêmea.

INQ E até que idade é que ele é um vitelo?

INF Normalmente, quase {PH|o=ao} ano, ou quase, mais ou menos à volta do ano, já é um vitelo, pronto, porque é novo. Quer dizer, enquanto é novo... É como, por exemplo, um borrego pequeno ou um borregão grande, {CT|ne=não é}?

INQ Rhum-rhum.

INF E o vitelo é igual.

INQ Pois.

INF Enquanto é pequenino é um vitelinho; e depois já é [AB|lum]

INQ Um vitelo.

INF um, quer dizer, um meio vitelo. {fp} Pronto, em sendo já de uma certa idade – não é? –, [AB|já] já é um meio vitelo [AB|lou] ou um meio boi, passa a ser boi. Passa a ser já boi, passa a ser vaca [AB|passa]. Quer dizer, vai de vitelito, depois... Por exemplo, sendo um vitelo pequeno, é um vitelo; depois é boi. [AB|IE, e] E a vitela, (...) o nome é sempre de vitela, quer dizer, {PH|nũ=não} sendo de

bezerrinha pequena, {CT|nɛ=não é}? Mas nós, normalmente, bezerra é raro. Vitela e, depois, é grande, passa a vaca. E é como o vitelo: é o vitelo e depois boi.

INQ Olhe e quando o pequenino acaba de nascer, o que é que a vaca faz? Começa a fazer?...

INF {PH|'lɛbju=Lambe-o}. A vaca {PH|'lɛbju=lambe-o}.

INQ Começa logo a...

INF [AB|A vaca] A vaca {PH|'lɛbju=lambe-o} e enxuga-o. É como as ovelhas, pronto. A vaca pega a {PH|'lɪbelu=lambê-lo} com a língua, passa-o todo com a língua e fica enxuto.

INQ Rhum-rhum.

INF É como as ovelhas e os borregos.

INQ Olhe e quando a vaca não conseguiu levar até ao fim a gravidez e, e, e, e, e...

INF Quer dizer, amove, vai abaixo. A gente tem muitas... [AB|Tem]

INQ Diz: "olha a minha vaca"?...

INF Amoveu. Ou{fp} [AB|foi, foi] deixou ir o vitelo abaixo. Mas, normalmente, nós aqui...

[AB|Quando] É [AB|como às] como às ovelhas e às cabras... Normalmente o nosso costume é amoveu.

Amoveu, amoveu. Pronto. É o nosso costume. Amoveu uma ovelha, amoveu uma cabra, amoveu uma vaca. O nosso costume normalmente é esse que {PH|ɛpɛ'jɛmuz=apanhamos}, só. É só dizer que amoveu, amoveu.

INQ Olhe e uma vaca que nunca fica coberta? Diz que ela é quê?

INF {PH|ʃɛ'memuzli=Chamamos-lhe} maninhas. É como às ovelhas.

INQ Também é maninha?

INF E como às cabras. É a mesma coisa aqui.

INQ Maninha?

INF Uma vaca maninha, pronto. [AB|Ou{fp}]

INQ Olhe e aquela, e quando não está prenha nesse ano, diz: "olha, a minha vaca este ano"?...

INF Ficou vazia.

INQ Olhe, o pequenino quando começa a mamar, onde é que mama?

INF {fp} [AB|Cham-]

INQ Como é que se chama àquele sítio?

INF Nós aqui {PH|ʃɛ'memuzli=chamamos} tetas. Outros, mamas. Mas nós aqui é as tetas: teta da ovelha, teta da cabra, teta da vaca. Normalmente, o nosso costume é este.

INQ E aquele sítio da vaca onde, onde está o leite?

INF Aí {PH|ʃɛ'memuzli=chamamos-lhe}, quer dizer, amujo, tetas. Também tem [RP|tem] duas. Uns

chamam-{PH|li=lhe} é as tetas da ovelha, as tetas da cabra, outros os amojos. Normalmente, amujo

[AB|é] {PH|ʃɛ'memuzli=chamamos-lhe} mais enquanto está prenhada: "A ovelha está prenhada. Está a começar a amojar". A amojar. É o nosso costume. "Está a começar a amojar. Está a crescer o amujo".

Pronto, pariu, normalmente chama-se amujo também, mas, bem, por exemplo, tetas: "Tem as tetas grandes. Tem as tetas pequenas".

INQ Sim senhor.

INF Tem esses dois nomes. É claro. É o nosso costume.

INQ Olhe e aquela coisa que as vacas têm aqui à frente? São os quê?

INF Isso chamam cornos. Há lugares que chamam chifres, mas nós aqui é corno. [ABI|Ou] Ou carnudo ou mocho. É como às ovelhas. A ovelha ou é carnuda ou é mocha.

INQ Carnuda?

INF Carnuda.

INQ Ou mocha?

INF Pois {fp}.

INQ Mocha é que não tem?...

INF Mocha, {PH|nũ=não} tem cornos; carnuda, tem os cornos, pronto.

INQ Sim senhor.

INF Eu, por acaso, as minhas são todas mochas.

INQ Portanto, "olha a minha ovelha partiu um"?...

INF Partiu um corno.

INQ E...

INF {fp} Há lugares que chamam: "partiu um chifre", mas nós aqui não.

INQ Não?

INF Nós aqui é cornos, pronto. É: ou partiu um corno ou {fp} nasce- {PH|li=lhe} um corno ou é assim.

Ou é mocha, fica mocha.

INQ Olhe e quando a vaca, quando a vaca tem os, assim uns cornos muito bonitos, diz: "olha, tem uma linda" quê?

INF Uma linda galha.

INQ E, e quando ela tem os cornos para, para baixo? Dizem que ela...

INF É cabana.

INQ Cabana.

INF Por exemplo, é cabana.

INQ E para cima?

INF Para cima, chamam- {PH|li=lhe} uma vaca pinheira, que tem os cornos altos.

INQ Para a frente, tem algum nome também ou não? Para a frente já não diz...

INF Não. Normal. [ABI|Fr-] {CT|pra=Para a} frente normalmente {PH|nũ=não} tem.

INQ Há as vacas que têm os cornos virados assim para a frente, que até são muito perigosas até.

INF Ah, muito virados {CT|pra=para a} frente. [ABI|Mas] Mas normalmente, para baixo é cabana, para cima é pinheira, normalmente [AB|é o] é o nome que a gente aqui usa, {CT|ne=não é}.

INQ Não há mais nada. E aquilo que ela põe no chão? É as quê? A vaca põe as?...

INF As patas.

INQ E na ponta da pata tem a?...

INF Tem as unhas.

INQ E aqui atrás, tem duas pequeninas, tem algum nome?

INF Quer dizer, isso, [pp] essas unhinhas são umas unhinhas mais pequenas. {fp} É espécie de machinhos. Isso [ABlcham-, tem] chama-{PHlli=lhe} a gente os machinhos.

INQ Machinhos?

INF É.

INQ Olhe e quando a vaca está a chamar pelo, pelo vitelo?...

INF Está a berrar.

INQ Está a berrar. E a...

INF Está a berrar. Está a vaca a berrar por o vitelo. É como a ovelha: está a berrar por o filho.

INQ E a cabra também?

INF A cabra igual. Está a berrar por o animal.

INQ Cá diz berrar?

INF A berrar por o animal.

INQ Olhe e como é que se chama àquela coisa que as vacas usam para sacudir o?...

INF O rabo. Será o rabo.

INQ E costuma-se...

INF Sacudir as moscas.

INQ É, exactamente. Para sacudir as moscas.

INF Pois.

Código de identificação do ficheiro: LAR05-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 11:14-13:00	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 05	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ E aquele sítio onde lhe põe a comida?

INF É a manjedoura.

INQ E para lhe dar água havia umas coisas antigamente de madeira?

INF Eram uns baldes, só se baldes de madeira. Ainda agora (cá) /quase\ se usam, vá. Uns baldes de madeira.

INQ Rhã-rhã.

INF (A gente), o nome da gente é baldes. {fp} Em casa, é baldes, ou a {PHlnũ=não} ser bacias

[RPI{PHlnũ=não} ser bacias] de plástico.

INQ De madeira também? Ai, não, não, não.

INF Não, bacias. Ou plástico ou...

INQ Eu estou a falar à moda antiga?

INF Antiga, normalmente era mais{fp}, era {PHlɔz=os} baldes que havia de madeiras. {fp}

INQ Rhum-rhum.

INF Porque nesse tempo nem plásticos havia.

INQ Pois.

INF Antigamente, usava-se muito, até para dar de comer {pp} a qualquer animal, porcos e assim, era tudo baldes de madeira. Hoje já há pias de cimento, de coisas, porque nesse tempo nem cimentos haveria, não é?

INQ Claro.

INF Era tudo baldes, baldes. {fp} Nós [ABln-] na vida do meu pai – [ABlnem] vá lá, ainda

{PHlnũ=não} morreu, só se sem eu saber –, mas, quando me eu criava, a gente tinha porcos, tinha coisa, era tudo baldes de madeira. [ABI{fp}Umas] Umas madeiras...

INQ E o seu pai onde é que?... E o seu pai ainda é vivo?

INF É, sim. Está em Carviçais. Vive em Carviçais. [ABlnós]

INQ Ah! Mas o senhor é daqui?

INF Quer dizer, {fp} eles também são. Daqui {PH|'semu|=somos} todos.

INQ Ah! Pronto!

INF Nós fomos {pp} já de grandes para aí para umas quintas, e depois, é claro, nós na altura aqui não tínhamos nada – o pai aqui não tinha casa – e depois, é claro, {PH|dej|'emu3=deixámos} de andar nas quintas porque, é claro, depois, nós, os filhos pegaram-se a casar e cada um foi para seu lado e eles sozinhos não aguentavam a quinta porque dava muito trabalho.

INQ Mas são todos daqui de Larinho?

INF {PH|'semu|=Somos} todos daqui. Quer dizer, [AB|há] há dois que nasceram lá em Carviçais já.

INQ Está bem. Não, mas o senhor aqui, Larinho e sempre viveu aqui no Larinho?

INF Os dois mais novos nasceram em Carviçais. Eu nasci aqui. [AB|E os m-] Sim, sempre vivi aqui. Quer dizer, só vivi fora enquanto (estive) /estive\ lá, enquanto eu {PH|nũ=não} me casei. Depois casei, eu vim para aqui, gostei mais de estar aqui. E é claro, e ele depois, as quintas eram perto de Carviçais, e depois comprou lá uma casa em Carviçais – como [AB|{PH|nũ=não} a] {PH|nũ=não} a tinha aqui, calhou a (comprar) /comprá-la\ lá em Carviçais. Comprou lá casa, para lá foi. E até já tem alguns prédios, lá, e assim. Pronto. E já lá morre. {fp}É assim. Mas nós {PH|'semu|=somos} daqui.

INQ Sim senhor.

INF E ele também.

Código de identificação do ficheiro: LAR06-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 13:15-15:18	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O gado vacum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 06	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ1 Quando a vaca está assim, que comeu demais, diz: "Olha, a vaca está", quê?

INF Quer dizer, comer demais: "Está a arrotar" {fp}...

INQ1 Como é que havia?...

INQ2 Empertigar?

INQ1 Empertigar? Não?

INQ2 Acontece?

INF Ah, [AB|isso] isso, [AB|qu-] quer dizer, acontece empertigar, mas isso {PH|nũ=não} é comer demais.

INQ1 Ah!

INF É comidas que fazem mal.

INQ2 Ai é comidas!...

INF Porque {PH|nũ=não} ser comida que faça mal, o animal nunca empertiga. {PH|nũ=Não} ser comer comida, grão, ou certas comidas que faça mal, farta-se bem – e as ovelhas sucede igual –, mas [AB|{PH|nũ=não}, {PH|nũ=não}] {PH|nũ=não} empertiga de morrer. Agora, se comer, por exemplo, figos, grão, certas coisas, é que está a empertigar, isso é que está sujeita a morrer.

INQ1 Ah! Portanto, pára...

INF Às vezes, até...

INQ1 É como se lhe parasse a digestão?

INF Pois. [AB|A gente] Pois. Que aquilo {pp} empertiga-{PH|l=lhe} a um ponto lá dentro que {PH|l=lhe} pára mesmo. Depois, por exemplo, a gente – usava-se e agora também se usa –, ata-se-{PH|l=lhe} um vincelho à boca, porque o animal [AB|logo que], se remoer, {pp} tudo muito bem; mas o animal encontra-se tão incomodado [AB|que] que, daquilo pegar a inchar lá dentro, ele {PH|nũ=não} remói – a boca fica quieta –, e então o animal empertiga e arreventa. E então usa-se – agora também já

há injeccões e coisa –, usa-se: a gente ata-{PHll=lhe} um vincelho na boca, um vincelho de giesta, abre-{PHll=lhe} a boca e ata-{PHll=lhe} um vincelho, faz-{PHll=lhe} estar a boca aberta e ela assim, com a boca aberta, com o vincelho {fp}, com a boca aberta, é obrigada a entrar-{PHll=lhe} ar e a sair, e então a barriga vai-{PHll=lhe} baixando. Porque, com a boca aberta, ela até é obrigada a botar ar. Portanto, bota e também entra e recebe. E é a razão de pegar-{PHll=lhe} a barriga baixar. [AB|Não lhe mete-] {PHlnũ=Não} {PHll=lhe} atando isso na boca, é um problema. Antigamente, era o que se fazia mais. Agora já há injeccões, já tal, já é diferente. Mas antigamente nós,

INQ1 Era ...

INF havia uma vaca, uma ovelha e tal, era ir logo a saber dumas giestas, [AB|a ata-] a abrir-{PHll=lhe} a boca, fazer-{PHll=lhe} atar... Atava-se-{PHll=lhe} aquilo atrás à cabeça e coisa, e ela estava ali com a boca aberta, bastante tempo, bastante tempo, e a barriga pegava a baixar. [AB|Era nós]

INQ1 Que engraçado!

INF [AB|O] O salvação [AB|d-] dos antigos era esse. Agora, hoje não. Hoje, uma vaca está a empertigar, vai-se a chamar o veterinário e fazem-{PHll=lhe} até furos. Agora até {PHll=lhe} fazem furos. Fazem-{PHll=lhe} furos até no vazio, dão-{PHll=lhe} umas injeccões, fazem-{PHll=lhe} (um) furo no vazio, o vento sai-{PHll=lhe} e o buraco torna a fechar, pronto! Nós... (Lá) agora já fazem assim. Agora, antigamente, era só os vincelhos.

INQ1 Era ...

INF {PHl=ao} poder dos vincelhos, é que {PHll=lhe} fazia botar o ar fora, {fp} {PHl=ao} antigo.

Código de identificação do ficheiro: LAR07-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 15:19-16:37	Inquiridor2:
Assunto: O gado vacum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 07	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ Como é que chama à porcaria da vaca, aquilo que ela faz?

INF Ah, é{fp} bostas de vaca. Normalmente é bosta de vaca. A gente{fp},

INQ Olhe, e há algum sítio assim onde se misture...

INF por exemplo, com palha estrumos, por exemplo, a gente quando bota palha já é o estrumo [AB|agora].

INQ Pois. E costuma-se juntar o estrumo nalgum sítio, por exemplo, quando a vaca está na loja, há algum sítio para onde se põe o estrumo?

INF {fp} Há uma rima. A gente diz{fp}, um lugar qualquer: "Põe aí" ... "Vamos a pôr o estrumo numa rima". Pronto. É o nosso uso é: {pp}

INQ E depois que vai para o campo?

INF tira-se para uma rima e depois {IP|ta=está} ali uma temporada na rima e quando a gente pode ou tem a terra preparada, leva-a {CT|pra=para a} terra. Pronto.

INQ E a rima é dentro da loja ou cá fora?

INF Não, não. Normalmente é sempre fora. Dentro {PH|nũ=não} se fazem porque bota cheiro às crias. Eu {pp}, eu, por acaso, o meu está ali. Tirei-o daqui, está ali no tapado {pp} até que calhe a levá-lo para outro terreno.

INQ Pois.

INF Pronto. Porque, aqui {PH|o=ao} pé, bota sempre cheiro às crias e{fp} ofende. Os estrumos perto dos animais {PH|nũ=não} estão bem. Estão melhor no campo. Porque{fp} aparecem muitas doenças é por via [AB|de] de os estrumos estarem perto [AB|da, dos] dos palheiros.

INQ Pois, pois, pois.

INF {PH|nũ=Não} convém, pronto! {PH|nũ=Não} convém! E eu tiro-o sempre. Porque, é claro, {fp} o ar já leva [AB|lo] o cheiro para mais longe, já (está) /estã\ os animais melhor e{fp}...

INQ Claro. Claro.

INF E quase toda a gente faz assim. Quase toda a gente faz assim: quando os estrumos estão em termos de tirar, a gente tira-os, põe-os longe dos palheiros. Pronto, {CT|pra=para a} gente {pp}, ter os animais mais saúde e até a gente.

INQ Pois claro.

INF Pronto, que é assim mesmo.

Código de identificação do ficheiro: LAR08-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 17:02-18:46	Inquiridor2:
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 08	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ Sim senhor. Quando a ovelha já é velha tem algum nome? Chama-lhe alguma coisa? Diz-se que é uma, já é uma?...

INF É velha, pronto. É uma ovelha velha, pronto. É uma ovelha velha. Claro, também há um costume, por exemplo, quando são novas do primeiro é: uma malata do primeiro, uma malata do segundo.

INQ O primeiro o que é?

INF O primeiro dum ano.

INQ Ah!

INF Quando se vão criando... Portanto, uma borrega, em tendo um ano, está do primeiro. Do primeiro, {fp} entendemos é{fp}... Quer dizer, entendemos a nossa coisa.

INQ Sim.

INF Do primeiro tem um ano; do segundo tem dois; do terceiro tem três; do quatro, quatro dentes.

INQ Ai, é de dentes?!

INF {PH|kupi|semuzøf}=Conhecemo-las} por os dentes. Dentes e anos!

INQ Ah! Cada dente...

INF É dentes e ano.

INQ Cada dente é por cada ano?

INF Cada dois... Quer dizer, em tendo [ABlum prime-] o primeiro ano, tem dois dentes.

INQ Ah!

INF O segundo tem quatro; o terceiro tem seis...

INQ Portanto, o senhor conhece qual, quantos anos tem uma ovelha?

INF Pois, por a idade é por os dentes. E chega {PH|ø=aos} cinco anos, depois {PH|nũ=não} botam mais dentes. Em tendo os cinco anos, dali para diante ninguém conhece a idade, {pp}

INQ Já não botam... Ah!

INF só quem as crie e que conte. Agora, por exemplo, uma pessoa que vai a abrir a boca a uma rês logo que já tenha os cinco anos feitos, {PH|nũ=não} sabe a idade que tem. Só quem as crie.

INQ Pois.

INF Agora até {PH|o=aos} cinco anos, quem conheça, toda a gente sabe a idade que tem. É. Tem o primeiro, tem o segundo...

INQ Portanto, quando o senhor diz uma malata de um?...

INF Uma malata do primeiro, do segundo, {PH|ʃe'memu3=chamamos}...

INQ Tem dois... É uma malata que tem dois dentes?

INF Dois dentes. {fp} Do segundo, tem quatro; do terceiro, só depois em{fp} cerrando, em tendo [AB|os] os {PH|dez=dez} dentes. Em tendo dez dentes, que tem cinco anos, dali para diante já é uma ovelha feita, pronto. Já ninguém sabe a idade. Agora, enquanto são novas, são malatas. Malata de...

INQ Até aí... Portanto, até aos cinco anos é uma malata?

INF Pois. Sim, quer dizer, malata até {PH|oʃ=aos} quatro, chegou {PH|oʃ=aos} cinco, [AB|a-] cerrou, é uma ovelha velha. E até ali a gente sabe (se) está do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto. Do quinto, dos cinco anos é que termina. Daí para diante, ninguém (mais) {PH|i=lhe} conhece a idade.

Código de identificação do ficheiro: LAR09-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 19:11-20:14	Inquiridor2:
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 09	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ E era costume capar os carneiros, ou não?

INF Quer dizer, {fp} nós, [ABln-] antigamente capavam. Porque, antigamente, criavam as crias mais que nós agora. Normalmente, nós agora vendemos a cria de pequena... [ABlEm t-] Em botando aí sete ou oito quilos, normalmente, praticamente agora vende-se. Mas antigamente não. Antigamente, criavam-se, {pp} só os vendiam pesavam [ABlquin-] vinte quilos e a passar. E então capavam-nos, que engordavam mais. Davam mais chicha. Antigamente já me lembra a mim de fazerem isso. Nós agora normalmente não. Agora a gente vende os borregos, em tendo sete ou oito quilos, ou nove ou dez, pronto, normalmente aguentam sem se caparem. Mas antigamente capavam. Capavam essas rebanhadas, só deixavam um ou dois ou três, os que entendessem, {CTlpra=para a} criação; o resto, (capavam-nos) /capavam-no\.

INQ Esse, esse que era para a criação, chamavam-lhe o quê?

INF (É) um carneiro {CTlpra=para a} criação, pronto.

INQ E os outros? Eram...

INF Os outros eram borregos também [ABlmas]. Mas pronto, eram borregos {CTlpra=para a} carne. Esses borregos capados só davam [ABlpara, para] {pp} {CTlpra=para a} carne, pronto,

INQ Pois.

INF para se comer [ABlpara].

INQ Olhe, e quando... O que é que lhe tiram quando os capam?

INF Tiram-se-{PHl=lhe} [ABlo] os dois grãosinhos que têm.

Código de identificação do ficheiro: LAR10-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 20:34-21:18	Inquiridor2:
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 10	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ Uma ovelha, por exemplo, que, que é melhor para ir à frente do rebanho?

INF Sim, sim.

INQ Chama-lhe o quê?

INF {fp} É a mestra. Essa é praticamente é a guia. Há. Há ovelhas que {pp} tem o seu...

INQ E o senhor trata-a melhor que as outras?

INF Não. Não senhora.

INQ Não lhe dá pãozinho?

INF (Ah) /{PHlna=Não}! Isso é claro. A gente, às vezes, quando quer que vão mais depressa, outras vezes... Às vezes dão-{PHll=lhe} (e) a gente agarra num bocado de pão e dá-{CTllu=lho}, que é para elas irem mais [RPlmais],

INQ Contentes!

INF quer dizer, para rodarem melhor, pronto. Porque às vezes também [RPltambém] têm as manias.

Também {PHlli=lhe} dá na cabeça, {PHlnũ=não} querem andar. [ABIE a gente]

INQ Mesmo essa? Mesmo essa que anda de guia?

INF Sim, mesmo essa também se cansa ou se aborrece. Nem sempre está bem disposta. É! Nem sempre está bem disposta. Ele{fp} os animais são como as pessoas. Nem sempre estão bem dispostas. E então, a gente agarra, mete a mão {PHlo=ao} surrão, tira um bocado de pão, dá-{CTllu=lho} e depois já vem aquela e {PHlaz=as} outras.

INQ Pois.

INF É.

Código de identificação do ficheiro: LAR11-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Cesário Idade: 14	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 21:40-26:38	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 11	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ1 Agora à hora do calor, elas estão no quê?

INF1 Acarradas. Estão [AB|a aca-] a acarrar. {PH|ʃv'memuzli=Chamamos-lhe} o acarrar, à sombra, pronto. "Vamos a acarrar o gado", pronto.

INQ1 Chama-lhe o acarro?

INF1 Acarrá-las, pronto. A acarrá-las. Logo à tarde a ir embora: "Vamos a abalá-las",

INQ1 Sim senhor.

INF1 a abalar embora. Agora é o acarrar [AB|para] para descansarem, para acarrarem, para dormirem.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 E logo é o abalar, é comeremos, irmos a comer.

INQ1 Mas aquele sítio onde as ovelhas acarram?...

INF1 É o acarradouro mesmo. {PH|ʃv'memuzli=Chamamos-lhe} o acarradouro.

INQ1 O acarradouro.

INF1 Num olival ou {fp} num pinhal, é o acarradouro. Ou {fp}...

INQ1 Pois.

INF1 Pronto, numas árvores qualquer é o acarradouro delas.

INQ1 É onde elas estão agora há dias?

INF1 Onde elas estão é num olival. Estão aí num olival.

INF2 Atrás da igreja.

INF1 Pronto. Estão ali [AB|lao], aí, além, {PH|l=ao} pé daquela igreja que se vê.

INQ1 Ah, portanto as suas não são aquelas que estão aqui assim?

INF1 Não. As minhas estão detrás daquela igreja além.

INQ1 Sim senhor.

INF1 E {fp} as que estão aqui em cima, logo vieram de cima, deve ser do tal Cícero. Logo aqui

{PH|l=ao} cima, {pp}

INQ2 Sim.

INF1 é do tal Cícero. {fp} Pronto, é como digo...

INQ1 As suas estão lá em baixo?

INF1 Estão lá {PHlɔ=ao} pé daquela igreja, detrás da igreja.

INQ1 Sim senhor.

INF1 Portanto, é como digo: [ABlalo-] agora foram a acarrar e logo vamos a abalá-las para ir a comer, pronto.

INQ1 Olhe, e aquela, aquilo que se tem que tirar por fora às ovelhas?

INF2 A lã.

INF1 Isso é lã.

INF2 Tosquiá-las.

INF1 {PHlʃe'memuɜ=Chamamos} lã.

INQ1 E chamam?...

INF1 Tosquiar o gado. Vamos a tosquiar.

INQ1 Tosquiar. Em que época é que se tosquia?

INF1 É em Março, normalmente. Nós aqui é em Março; há outros [ABlque{fp}] que é em Maio, outros em Abril.

INQ1 Pois. Depende.

INF1 Depende das zonas. Lá para cima ainda são capaz quase de haver agora por tosquiar, de Mogadouro por aí afora, {CTlpra=para a} Espanha, nesses lugares. Mas nós aqui, o nosso costume aqui é: pegam em Fevereiro, ali {CTlpra=para a} ribeira, ali para baixo, que é um terreno quente. Fevereiro e Março por aqui{fp}, nestes arredores perto, {fp} tosquiámos por Fevereiro e Março.

INQ1 Pois. E depois o que é que fazem à lã?

INF1 Depois vende-se.

INQ1 Vendem?

INF1 Há uma [RP|há uma]...

INQ1 Como é que se chama à lã toda numa ovelha?

INF1 Há uma pessoa... Um velo. Um velo numa ovelha.

INQ1 Rhum.

INF1 Porque antigamente – agora já nem tanto –, mas antigamente, enrodilhava-se aquilo, ficava ali num molho muito bem arranjadinho. Havia pessoa já própria... Agora não. A gente agora mete-as dentro dum saco. Agarra, mete dentro dum saco. Mas antigamente não. Aquilo antigamente era uma coisa muito bem arranjada. Havia uma pessoa então própria: {pp} a ovelha, tirava-se-{PHlli=lhe} a lã {pp}, davam-{PHlli=lhe} ali umas voltas, aquilo ficava tão preparado, tão arrumado, que era como sendo com uns barços. Dava ali meia dúzia de voltas, [ABlmetia] metia assim uma na outra, ficava assim, metia-{PHlli=lhe} assim um buraco, pronto! A gente agarrava aqui nesta ponta – dali era como estando pregada ou apertada, ficava uma coisa bem armada. Agora, é claro, pronto, apareceram... Pronto. Pegaram-se a habituar a darmos sacas a quem nos as compra... É mais próprio, pronto! [ABlA gente, quem] Aquilo só o fazia uma pessoa especializada, {pp} que era (preciso) pagar-{PHlli=lhe} até

uma jeira mais cara. E agora assim os sacos, quem quer o faz. Até uma mulher o faz. É só arrebanhá-la e meter para os sacos e...

INQ1 Vem aí gente de fora comprar?

INF1 Vem depois uma pessoa de fora a comprar.

INQ1 Mas antigamente usava-se a lã aqui, aproveitava-se a lã aqui para fazer?...

INF1 Para fazer camisolas e {fp} roupas, que havia pessoas... Hoje já não há pessoas – nem que queiram – hoje já não há pessoas que [AB|sa-] saibam fazer isso.

INQ1 Que saibam fazer?

INF1 Porque antigamente aquilo... Era: {fp} uma camisola daquilo dava um jeito {CT|prɔ=para o} Inverno.

INQ1 Claro.

INF1 (Eu), a minha mãe chegou-as a fazer!

INQ1 Mas não é bom agora já para usar?

INF1 É bom, (o) que é bom! {PH|nũ=Não} há quem faça!

INQ1 Ah!

INF1 {PH|nũ=Não} há pessoas que o...

INQ1 A sua senhora, por exemplo...

INQ2 Essas camisolas eram o quê? Uma coisa para pôr?...

INF1 Não, não. As camisolas é, por exemplo, pronto, como esta camisa. A gente, as mulheres faziam aquilo à mão, faziam aquelas camisolas [AB|à lã] à mão com aquela lã. Ora a lã, forte, boa!

INQ1 Como é que elas tinham... O que é que elas tinham que fazer antes de fazer as camisolas?

INF1 Quer dizer, fiavam aquilo. [AB|Aquilo]

INQ1 Mas antes não tinham que lavar e isso?

INF1 Pois claro. Tinham que a lavar bem lavadinha, depois aquilo – chamavam-{PH|i=lhe} fiar –, preparavam-na bem preparadinha, [AB|quem sou-] quem sabia – não é? –, fiavam-na, preparavam, [AB|fa-] faziam aquilo num molho – como agora um molho de lã, um rolo de lã.

INQ1 Pois, pois.

INF1 Pronto! Depois faziam uma camisola. Aquilo era coisa em condições!

INQ1 Claro!

INF1 Mas agora já não há quem faça isso, não. Agora a gente compra-as feitas...

INQ1 A sua senhora já não sabe fazer?

INF1 {PH|nũ=Não} sabe. A minha nem nunca soube. Sabia a minha mãe e as antigas.

INQ1 A sua mãe sabia?

INF1 Agora estas pessoas novas, ninguém sabe fazer isso.

INQ1 Agora ninguém sabe.

INF1 Agora, compra a gente as coisas todas feitas [AB|a m-] a imitar a lã das ovelhas. Mas, oh!, é a imitar!

INQ1 Claro, que aquilo não tem o valor que tem a lã.

INF1 {fp} Oh, vagar! Ah! É. Por acaso, isso [AB|era, era, era] era grande... Era uma coisa {PH|'mujtɐ= muito} boa! Pronto! [AB|Era] Era uma coisa que valia muito dinheiro.

INQ1 Olhe, e cobertores também faziam?

INF1 Faziam também os cobertores. Fábricas... Bem, cobertores até ainda hoje é capaz de haver. Porque eles compram-na {fp}, para essas coisas deve ser. O que, é claro, já é natural que já {PH|li=lhe} misturam mais coisas porque a gente vê [AB|a-] as roupas a vender já não são como eram.

INQ1 Pois não.

INF1 Fazem-{PH|li=lhe} outras misturas, à lã, e outras misturas e tal...

INQ1 Não é nada...

INF1 Agora antigamente faziam-nas só da própria lã – era dos tais cobertores que eu dizia que punham às costas duma pessoa –, isso [R|plisso], uma pessoa, aquilo...

INQ1 Esses cobertores levavam depois assim o pêlo puxado, não era?

INF1 Era. Ficava o pêlo... O pêlo é como os pêlos da gente: aquilo ficava assim fora.

INQ1 E como é que eles faziam isso, sabe? Não?

INF1 Isso é coisa que não sei. Nunca vi essa fábrica de fazer isso.

INQ2 Mas, por exemplo, a sua mãe, que fazia essas camisolas e assim, de certeza que tinha uma coisa assim com uns pregos, para passar na lã para ficar a lã direita. Portanto...

INF1 Tinha, pois. {fp} Chamava-{PH|li=lhe} a gente, quer dizer, escová-la bem escovadinha.

[AB|Aquilo] Aquilo, pronto! Preparavam-na bem, era... {fp} Aquilo depois de {fp} estar lavadinha, estendiam-na [AB|na, no] numa tábua assim alta, e aquilo – como quem penteia uns cabelos!

INQ1 É.

INF1 Como quem penteia uns cabelos, e tal. Aquilo {fp} ficava bem penteada, bem preparadinha.

Depois então tinha uma, chamavam-{PH|li=lhe} uma roca [AB|{CT|pra=para a}] {CT|pra=para a} fiar,

INQ2 Pois.

INF1 {CT|pra=para a} enrodilhar, pôr num rolo.

INQ1 Pois, pois.

INF1 E então depois pegavam a fazer a camisola. Era. Era isso tudo.

Código de identificação do ficheiro: LAR12-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 26:46-27:47	Inquiridor2:
Assunto: O gado caprino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 12	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05

INQ E também era costume capar os bodes, ou não?

INF Sim. Quer dizer, capavam-se igual. Tanto capava os bodes [AB|como as, como os] como os borregos, como os carneiros.

INQ Como os carneiros.

INF É a mesma coisa.

INQ Era a mesma coisa?

INF Porque antigamente, é como digo, as pessoas, nem havia quem comprasse assim crias pequenas como agora. As pessoas que tinham rebanhos, tinham-nos {fp}ora, às vezes, um ano inteiro.

Chamavam-{PH|li=lhe} uma carneirada, uma carneirada capada. {fp} Os bodes a mesma coisa. Agora já se não usa...

INQ Pois.

INF {PH|o=Ao} menos, nós nas nossas aldeias já ninguém usa nada disso. [AB|Só] Só cria aquele que deve de criar, o resto vende-o (pequeno) [RP|vende-o]... É como digo, em tendo sete ou oito quilos, vende-se, {PH|nũ=não} se capa nada [AB|{PH|nũ=não}, {PH|nũ=não}]...

INQ Pois, pois.

INF Por aqui nas nossas zonas, é assim.

INQ Sim senhor. Quando nasce um pequenino dum cabra chama-lhe um quê?

INF Cabrito.

INQ Ou uma?

INF Ou cabrita.

INQ Costuma-se pôr os cabritos e as cabritas separados das mães, nalgum sítio?

INF Sim, num chiqueiro. {fp}A gente chama-{PH|li=lhe} um chiqueiro. Até no campo, quando nascem no campo, a gente faz com umas pedras uma casotinha, {PH|e'memuzli=chamamos-lhe} um chiqueiro. [AB|Meter o]

INQ Para o cabritinho?

INF [AB|Metê-los num, meter] "Vamos a meter o cabrito ou o borrego num chiqueiro". Pronto.

INQ Sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: LAR13-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Cesário Idade: 14	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602a min: 29:12-30:49	Inquiridor2:
Assunto: O gado caprino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 13	Data da primeira transcrição: Mar.03 Data da revisão final: Jun.05

INQ O senhor lá no campo, por exemplo, mesmo quando está no bardo, costuma...

INF1 A ordenhá-las, a apriscá-las. Apriscá-las, quer dizer, juntá-las mais com umas cancelas, que se ordenham melhor e mais depressa, porque, estando lá à larga no palheiro ou no bardo, {fp} uma foge para aqui, outra foge para ali, a gente anda ali muito tempo. Assim, a gente junta-as – chama- {PHlli=lhe} apriscá-las –, põe-as num bocadinho pequeno juntinhas e a gente ordenha-as e depois torna a pôr o bardo largo para estar igual largo...

INQ Portanto, aquele sítio ali onde as junta chama-lhe o quê?

INF1 Aprisco.

INQ O aprisco.

INF1 Vamos a apriscá-las.

INQ E a, e a, e ordenham-nas para dentro de quê?

INF1 Duma panela. {fp} Há lugares que chamam ordenhadeiras. Nós aqui é uma panela. Uma panela de ordenho. E há lugares que chamam- {PHlli=lhe} o...

INQ E a panela é de quê?

INF1 É de lata.

INQ De lata?

INF1 É. É. [ABiCh-] Há lugares que chamam- {PHlli=lhe} uma ordenhadeira. Nós aqui é a panela de ordenhar. É.

INF2 Depois temos cântaros de plástico.

INQ E, e como... Diz?

INF2 Cântaros de plástico.

INF1 Cântaros. Antigamente...

INQ Isso já é mais moderno, não é? Esses cântaros de plásticos já é mais... Agora antigamente não havia plástico.

INF1 Sim. [AB|Antigamente] Antigamente era tudo lata. Era tudo zinco. Zinco. Vá, zinco, lata, é a mesma coisa.

INQ Portanto, punham depois de dentro das panelas para dentro de quê?

INF1 Dos cântaros. {CT|prɔ}=Para os} cântaros. Pois.

INQ E os cântaros era de que medida? Quanto é que era mais ou menos cada?...

INF1 Era{fp} mais ou menos doze litros e meio. É como agora. Os cântaros normalmente eram como agora.

INQ É o mesmo.

INF1 Era tudo de doze litros e meio. Doze litros e meio, vá, (de) treze, pronto. {fp} Normalmente, os cântaros, era tudo assim. Só algum que a gente mandava... Às vezes chegavam-se a mandar fazer maiores, de catorze, quinze litros, maiorzinhos {CT|pra=para a} gente, pronto... Às vezes{fp}, havia pessoas que a gente tinha que dar o leite de pastos. Ainda agora há, vá. Ainda agora há lugares que alugam as propriedades, em vez de se {PH|li=lhe} dar dinheiro, dá-se-{PH|li=lhe} um cântaro de leite, ou dois. Antes querem do que {PH|o=ao} dinheiro.

INQ Ah, pois, pois.

INF1 E, é claro, e a gente, por exemplo, tinha um cantarinho maior, pronto, {CT|pra=para a} pessoa ficar um bocadinho melhor e levar a medida abonada, {CT|ne=não é}?

INQ Rhum-rhum.

INF1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LAR14-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Cesário Idade: 14	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602b min: 08:42-09:44	
Inquiridor2:	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 14	
Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05	

INQ Este é o quê?

INF1 Arado.

INF2 Arado.

INQ Este é o arado.

INF1 Este é o arado, {pp} para sulcar a terra, para escachar umas batatas, para arrancar. A charrua {pp} é {fp} mais parte de ferro... Está aí...

INQ Sim senhor.

INF1 Querendo ver, é mais parte de ferro [AB]que tem)... Isto chamam {PHi'vøkø=aiveca}. Isto é uma {PHi'vøkø=aiveca}. Isto é uma {PHi'vøkø=aiveca}. Mas {pp} a outra charrua...

INQ Portanto, este tem duas aivecas?

INF1 Tem duas {PHi'vøkøz=aivecas} e a outra só tem uma.

INQ Só tem uma...

INF1 Mas é em ferro. A outra é tudo em ferro. E o nome é igual.

INQ Já conheço aquela... Já vamos lá...

INF1 [ABIÉ m-] É igual. O mesmo nome... [AB]Tanto, tanto aiveca]...

INF2 Quer que a traga?

INQ Não, deixa lá que a gente vai lá.

INF1 Tanto {PHi'vøkø=aiveca} se chama a isto como à tal de ferro. Aqui é um arado de duas {PHi'vøkø=aivecas}. E a outra, a gente [AB]ta-] {PHi'vøkø=chamamos-lhe} a charrua. Só tem uma {PHi'vøkø=aiveca} de ferro.

INQ O senhor... Deixe-me só perguntar-lhe uma coisa: o senhor não se lembra de haver uns arados assim de madeira, mas que em vez de terem rodinha à frente, era um pau comprido lá?...

INF1 Lembro, sim. Ainda os há hoje.

INQ Ai ainda há?

INF2 Ainda.

INF3 (Isso é para duas bestas).

INF1 Ainda os há hoje. Esse é para duas bestas. Esse para uma besta não dá e este já dá. Agora usou [ABl antiga-]... {fp} Porque esse, antigamente, antigamente {pp}... Aquilo são os tirantes. Tirantes e joguetes. É para uma besta.

INQ É o, é o tirantes?

INF1 É o tirante, [ABlo, e há, e é] e o de ferro é joguete.

Código de identificação do ficheiro: LAR15-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602b min: 04:20-06:30	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 15	
Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05	

INQ1 Quer dizer, esperamos é que isto continue a viver-se bem, porque como andam a dizer já...

INF1 Ah, quem sabe lá!

INQ1 Está tudo mal, disto e daquilo e daqueloutro.

INF1 Ah, sim, claro. [AB|A gente, isto]

INQ1 E as coisas, os produtos que se deitam na terra que fazem mal, depois que contaminam os rios.
Nunca se sabe.

INF1 Pois é. E é natural. [AB|E até] E até será natural. E até será natural, porque hoje a gente já nem tem tanta saúde como tinha antigamente, porque é tudo à base de [AB|'quimas'] químicas. Porque antigamente quase {PH|nũ=não} se usava o adubo.

INQ1 Claro.

INF1 Agora não. Agora é tudo à base de adubo e tudo {PH|'faj=faz} mal.

INQ2 Pois.

INF1 Sim – não é? –, tudo {PH|'faj=faz} mal.

INQ1 E uma terra com adubos dá durante uns anos e depois ...

INQ2 E depois deixa de dar.

INF1 Depois fica degotada. Fica degotada. Os animais, as abelhas, tem levado muita coisa caminho com esta coisa das químicas. Por exemplo, botar remédios à erva – hoje já há estes remédios para botar remédios à erva. Ora, o animal, por exemplo, vai lá, por exemplo, as abelhas, vá,

INQ1 Claro.

INF1 que é a coisa que anda mais no campo. Ora, (se) está a erva envenenada, levam caminho, {CT|ne=não é}?

INQ1 Claro.

INF1 Portanto, e a gente [AB|come] come muitos animais praticamente [AB|co-] com este mal [AB|d-] destas coisas, {PH|nũ=não} é verdade?

INQ1 É, é.

INF1 Que é assim mesmo. Portanto, a gente agora tem tendência... Dura menos e{fp} as coisas estarem piores [AB|devido] devido a isto, pronto, {pp}

INQ1 É, é. As pessoas têm mais doenças.

INF1 devido, pronto, a{fp} estas {RC|co=coisas}, estas químicas, que deve ser estas químicas mesmo, pois. Que é assim mesmo{fp}. As terras nem há como o natural.

INQ1 Claro.

INF1 Nem há como o natural.

INQ1 Claro. Claro, quando era com estrume...

INF1 Pois, é como a gente... [AB|É]

INF2 (...) Nós, as batatas, é só com {PH|{trumu=estrume} [AB|do] do gado.

INQ1 Pois.

INF1 É como a gente, por exemplo, as carnes e as coisas que come.

INQ1 Sim, mas lá para baixo já não é.

INF1 Sim, pois não. Por aí afora{fp}, em certos lugares não há estrume.

INQ1 Por isso é que as batatas de Trás-os-Montes são muito melhores que as batatas lá de baixo.

INQ2 Pois.

INF1 São. Conservam mais. É como, por exemplo, as carnes, os porcos e as galinhas, o que a gente comia antigamente, era tudo à base do campo. Hoje {PH|nũ=não} é. Portanto, {fp} e a gente come essas carnes mas não nos dão saúde.

INQ2 Pois.

INF1 Porque é assim mesmo. [AB|{PH|nũ=Não}] Porque [AB|são] são feitas à base de... [AB|Agora, por exemplo]

INF2 A gente mata um{fp} frango caseiro, tem outro gosto que não tem [AB|o{fp}] o (dos sacos).

INQ1 Claro.

INF1 São dos aviários.

INQ2 Pois é.

INF1 Porque, é claro, [AB|então] então um{fp} pito, (não é), para nós, para se pôr bom, leva quase um ano para se pôr bom. Hoje {fp}, num mês, põem um pito bom.

INQ2 É verdade.

INF1 Portanto e os porcos e o resto é igual, {pp} e vitelos, e tal.

INQ2 Não têm gosto nenhum.

INF1 Portanto {fp}...

INF2 Eu, estas pitinhas que aqui tenho, já as tenho há{fp} três meses, e {PH|nũ=não} estão grande coisa.

INF1 Portanto, é assim. E nós comemos isso tudo e a saúde é assim mesmo. Pronto. E é isso. É, é. É assim.

INQ1 Pois, pois, pois. ...

INQ2 Pois, pois, pois.

Código de identificação do ficheiro: LAR16-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: Cesário Idade: 14	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602b min: 07:44-08:21	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: Os animais bravios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 16	
Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05	

INF2 Desde que apareceram os porcos-espinhos, os lobos {pp} desapareceram.

INQ1 *Ai é?*

INF2 Sim. [AB|Há] Há quem diga mais...

INQ1 *Há aqui mais porco-espinho?*

INF2 Há. Porcos, há bastantes, há muita coisa.

INF1 Há aí (...).

INQ1 *Ai é?*

INF1 Antigamente {PH|nũ=não} havia.

INQ1 *Ai, que piada!*

INF2 Antigamente {PH|nũ=não} havia. Antigamente [AB|{PH|nũ=não} {PH|nũ=não}] ninguém...

INQ1 *Não, não se lembra?...*

INF2 {PH|nũ=Não} me lembra [AB|de] de quando era garoto ver esses porcos. Só agora [AB|há] há uns anos para cá, quase que (desapareceram) /desapareceu\ os lobos. Há meia dúzia de anos para cá, então é que se vê onde {PH|'kerẽ=queira} os porcos, e o rasto deles e assim. E então o lobo, é claro, dizemos nós que foram os porcos [AB|que os] que os alvoraçaram, que os fizeram desaparecer.

INQ1 *Pois, pois, pois.*

INQ2 *Pois, se calhar.*

INF2 Agora, {PH|nũ=não} sabemos. O que sei é que antigamente {PH|nũ=não} se via um porco, viam-se lobos; e agora, lobos, {PH|nũ=não} se vêem, vêem-se os porcos.

INQ1 *Pois, pois.*

INF2 É verdade. Agora é os porcos é que se vêem.

Código de identificação do ficheiro: LAR17-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante3: Cesário Idade: 14	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602b min: 00:21-04:14	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O leite e o queijo	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 17	
Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jun.05	

INQ1 O que é que a senhora põe no leite para fazer o queijo?

INF1 {fp} Coalho.

INQ1 E o coalho é o quê?

INF1 O coalho é o coalho...

INQ1 Antigamente.

INF1 Antigamente era o coalho [AB|de] do que saía dos borregos.

INQ1 Como é que fazia para aproveitar o coalho?

INF1 [AB|É uma colh-, é uma] O bucho. Parece-me que é o {PH|'but{u=bucho} ou o {PH|'bu{u=bucho} que eles têm [AB|que é que]... Têm dentro de uma mão o leite, e depois daí é que se forma o coalho. Depois ele, {PH|b=ao} matar os borregos, tira aquilo, a gente aproveita, seca, e guarda [AB|para fazer a] para pôr depois no leite.

INQ1 E era dos borregos?

INF1 Dos borregos.

INQ1 Não era dos, dos cabritos. Eu pensava que era dos cabritos.

INF1 E também. Também, também, Também... [AB|É dos cabritos e de]

INF2 Quem tem cabritos, é dos cabritos; nós temos borregos, é dos borregos.

INF1 Pois. Nós temos os borregos, é dos borregos; quem tem cabritos, é dos cabritos que sai.

[AB|E {fp}] E depois [AB|des-] {fp} desfaz-se numa pinguiha de água. Depois de o leite estar coalhado e composto, deita-se lá, espera-se que coalhe. [AB|E]

INQ1 Rhum-rhum. E como é que chama depois aquele coiso assim já todo?...

INF1 {fp} Coalhada.

INQ1 A coalhada.

INF1 Coalhada. Da coalhada, sai o soro; depois, do soro, saem os requeijões.

INQ1 Faz requeijões, do soro?

INF1 Requeijões {pp} do soro.

INQ1 *Como é que se faz o requeijão?*

INF1 O requeijão, põe-se {PHlɔ=ao} lume e vai-se fervendo, fervendo, fervendo, [ABlaté que ele tome uma], lentamente, até que forma uma coalhada e depois dessa coalhada é que ele sai os requeijões.

INQ1 *Pois. E a coalhada, onde é que punha depois?*

INF1 Nos aros e na {PHlfrõ'selɐ=francela}. Primeiro {fp} era uma {PHlfrõ'selɐ=francela} em madeira, antiga, não é?

INQ1 *Como é que é a francela? É redonda ou é comprida?*

INF1 Em madeira. Não, é comprida, assim deste tamanho, e depois leva os aros [ABl{CTlpra=para a} gente], com umas patas... E depois leva então os aros em cima, a gente bota ali a coalhada e espreme-se [ABle{fp}]

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF1 e faz-se.

INQ1 *E é só com leite de ovelha?*

INF1 Só com leite de ovelha.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF2 Quem tem cabra, também faz só de cabra.

INF1 Quem tem cabra, faz com um bocado de cabra. Quem tem, pois...

INQ1 *Não usava cabra?*

INF1 Não.

INQ1 *Isto... Faz separado?*

INF2 Sim.

INF1 Separado. [ABlNãó é com]

INQ1 *Ah, portanto, faz-se de cabra dum lado e de ovelha do outro?*

INF1 Cada um... Pois, pois.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF1 E{fp} depois, pronto, {PHlnũ=nãó} tem mais...

INQ1 *Não tem mais nada?*

INF2 E bota-se {fp} o coalho nas 'arrequijeiras' {CTlprɔʃ=para os} tais {PHlɛrikɛj'ʒõjʃ=requeijões}.

INQ1 *Diga?*

INF2 {CTlprɔʃ=Para os} tais {PHlɛrikɛj'ʒõjʃ=requeijões}, o coalho {pp} do soro [ABlque se, que se] que se forma, [ABlhá um] há umas 'arrequijeiras', uma coisinha assim pequenina, pronto.

INF1 Pois. Nas 'arrequijeiras'.

INF2 Chama-{PHll=lhe} a gente 'arrequijeiras' ou...

INQ1 *E cha-... Mas é... A 'arrequijeira' é de quê?*

INF1 É em lata.

INQ2 *Como é?*

INQ1 *Em madeira?*

INF2 É [ABlde, de] de zinco, espécie de zinco, vá.

INQ1 *É como se fosse o aro?*

INF1 Não, não, não. Vai lá buscar uma 'requeijoeira'.

INQ1 *Não, não vale a pena. Depois a gente vê quando for para lá.*

INF2 É uma coisinha pequenina, vá. É uma coisa pequenina. {fp} [AB|Quer dizer]

INQ1 *Mas é como se fosse um cesto?*

INF2 É {fp}...

INQ1 *Não é em vime.*

INF1 {PH|nũ=Não} é de vime. {PH|nũ=Não} é em vime. {PH|nũ=Não} é em vime [AB|nem].

INQ1 *Não. É porque eu já vi noutros sítios em vime.*

INF1 Pois. Lá para baixo é uns cestinhos [AB|de] em vime e outros em plásticos.

INF3 (...) A minha mãe também tinha.

INF1 Também tenho desses plásticos. Chamam-{PH|i=lhe} as queijadinhas até, lá para baixo. Mas não. Nós aqui é em lata. [AB|Uma] Uma 'requeijoeirinha', depois tem assim este [AB|ra-] cuzinho, depois vai assim... É uma espécie dum cuzinho para cima e forma uma 'requeijoeira' dum funil.

INF2 Espécie dum funil. Espécie dum funil.

INQ1 *Uma espécie dum funil?*

INF2 É espécie dum funil, praticamente. Vá, {PH|nũ=não} é bem... {PH|nũ=Não} é bem...

INF1 (...) Uns piquinhos em toda a volta.

INQ1 *Mas, portanto, volta a pôr coalho no, no, no soro?*

INF1 Não, não, não não. No soro, {PH|nũ=não} leva mais nada.

INQ1 *Ai não?*

INF1 {PH|nũ=Não} leva mais nada.

INQ1 *Ai não leva mais nada?*

INF1 {PH|nũ=Não} leva mais nada. O soro, depois de estar preparado e composto, que saia do queijo, vai para cima [AB|du-] numa panela ou numa caldeira – de antigamente, era uma caldeira que fervia o soro; a gente agora, às vezes, para não estar a acender lume, mete-o numa panela –, mas antigamente era numa caldeira, e depois uma 'fateca', mexe-se, mexe-se até [AB|que] que ele saia aquela coalhada;

INF2 Que ele pega a coalhar.

INF1 e depois tira-se daí os requeijões [AB|para] {CT|pra=para a} travessa [AB|e a] e as malguinhas, é que se fazem os requeijões.

INF2 Era as tais malguinhas.

INQ1 *A 'fateca', a senhora chama 'fateca', é o quê?*

INF1 'Fateca', um coiso de mexer {pp} [AB|o] o pau.

INF2 O pau.

INQ1 *Mas é um pau?*

INF1 Um pau.

INQ1 *Não é uma colher?*

INF3 Uma colher feita de pau.

INF1 Uma colher {fp}.

INQ1 Ai é uma colher de pau?

INF1 {fp} É uma colher de pau agora, mas antigamente não era uma colher de pau. {fp}

INQ2 Era direito.

INF1 Era [AB|direi-] um pau direito e{fp} daí é que é uma 'fateca' mesmo, que {PH|li=lhe} chamam a 'fateca'. [AB|E a{fp}] Pronto.

INF2 Um pau direito, pronto, com (...). Antigamente [AB|até os] até os arranjavam de sanguinho.

INF1 Sanguinho, pois. Antigamente era desses...

INQ1 Ah!

INF2 Paus de sanguinho. De um pau que há de sanguinho.

INQ1 Que é assim um tronquinho brilhante?

INF1 É.

INF2 (Um assim) muito brilhantinho. Diz que era a coisa mais própria para mexer o soro.

INF1 Para mexer o soro, sim senhora.

INF2 Agora, é claro, hoje já há tudo.

INF1 Pois é. A gente vai comprar (uma colher de pau).

INF2 Hoje já há tudo. Já não é preciso ir lá {PH|o=ao} campo {PH|o|=aos} paus, nem a nada. Hoje já há tudo.

INQ1 ...

INF2 Hoje já há tudo. É verdade.

INQ1 Já se compra tudo.

INF2 Já se compra tudo. É verdade.

INQ1 Sim senhora.

INF2 É assim. Ainda bem.

Código de identificação do ficheiro: LAR18-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602b min: 21:30-22:44	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 18	
Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ1 Portanto, aqui é a roda e aqui é que é as tais coisas que?...

INF1 As orelhas. A isso {PH|ʃe'memuzli=chamamos-lhe} as orelhas para enganchar para ir para cima e para baixo. A gente agora aí vai para cima e para baixo como quer. Porque nas charruas é preciso isso. Porque, quando a relha está nova, tem que isto vir cá para cima; quando a relha pega já a ter pouco bico, tem que ir baixando o temão para baixo, que é para ela se ir metendo nas terras.

INQ1 Rhum-rhum. Sim senhor.

INQ2 E esta parte que vai da mãoz-, da mãozeira para baixo?

INF1 {fp} Isto é tudo mãozeira. Isto aqui [AB|usa] usa tudo mãozeira.

INQ2 É tudo?

INF1 O arado é que tem dois nomes devido à curva que tem.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Agora isto é tudo mãozeira. É.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 [AB|A charrua só tem] Esta parte é toda a mãozeira. Só tem este nome todo.

INQ1 Pois.

INF1 É.

INQ1 E portanto isto aqui também é as varas?

INF1 É as varas [AB|da cha-] da roda, pronto. As varas da roda. {PH|nũ=Não} tem outro nome.

INQ1 As varas da roda, para, para, que é as que andam para baixo e para cima, não é? Para regular.

INF1 É.

INQ1 Sim senhora.

INQ2 E depois tem uma coisa que pega aqui, que liga aqui, não sei se já falou?

INF1 A temãosela. {CT|pra3=Para as} duas bestas, é a temãosela; para uma, é os tirantes. É.

INQ1 Estava a ver aqui assim. Não é nada disso?

INF1 [ABIÉ o] Era daqui. Este temão era daqui. Tirei- $\{PHlu=lho\}$, que já estava velho.

INQ1 Está bom.

INF1 Estava velho, tirei- $\{PHlu=lho\}$ e (pôs- $\{PHll=lhe\}$) /pus- $\{PHll=lhe\}$ \ este novo.

INQ1 Foi mesmo o senhor que fez?

INF1 Fui sim.

INQ1 Tchii! Habilidoso!

INF1 A gente $\{fp\}$ é obrigado a ter habilidade.

INQ1 Pois é.

INF1 A necessidade obriga-nos.

INF2 A habilidade sai da necessidade.

INF1 É verdade.

INQ1 Diga?

INF2 A habilidade sai da necessidade.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois é.

INF1 É assim.

Código de identificação do ficheiro: LAR19-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602b min: 24:27-25:24	
Inquiridor2:	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 19	
Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ Diga?

INF1 Como a uns ganchos.

INQ É.

INF2 Sim.

INQ O que é que chamam aqui um gancho?

INF1 Os ganchos (...) estromo.

INQ Há aqui algum? Ah, pronto.

INF2 Ganchos para tirar o estromo. {fp} É espécie duma forcada vergada.

INQ Quantos dentes é que tem o gancho?

INF2 (Há-os) /Há os\ de dois, mas agora, de dois, já há pouco. É uma forcada vergada. Antigamente era [RPlera] só um próprio feito... [ABIA for-]

INQ A forcada, a forcada é assim com isto para a frente.

INF2 É meia direita. E agora os ganchos também é uma forcada virada – também é os mesmo ganchos. Mas antigamente havia só: os ganchos eram só dois ganchos mesmo. Era uma coisa feita à própria só com dois ganchos. Isso é que eram mesmo... Isso é que é mesmo o nome dos ganchos. Agora a gente, pronto, já {PHlnũ=não} há ferreiros para fazer os tais ganchos, uma forcada virada, fazemos nós as mesmas vezes e chama-se-{PHlli=lhe} mesmo os ganchos também. É os ganchos {CTlprɔ=para o} estromo.

INQ Ah, está bom.

INF2 Mas os ganchos antigos [ABlera só] era só dois. E ainda é capaz de haver por aí antigos que os têm ainda arrumados, com os tais só dois ganchos, mais nada.

INF1 (...)

INF2 {fp} Agora nós, pronto, uma forcada virada faz as mesmas vezes.

Código de identificação do ficheiro: LAR20-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Cesário Idade: 14	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1Bç1602 faixa: 1Bç1602b min: 27:22-29:50	Inquiridor2:
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 20	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05

INQ E quais são as partes que tem, o jugo?

INF1 [ABI|Tem] Tem duas, quer dizer, [AB|duas] dois encaixes {CT|pröz=para os} animais encaixar cada um em sua ponta.

INF2 Vós tínheis um, {PH|nũ=não} tínheis? (...) (Vós então não tínheis um)?

INQ Não têm já?

INF2 (...) (Tínheis um jugo) (...).

INF3 Um quê?

INQ Jugo. O jugo de bois.

INF1 Não, de bois não. Há é de bestas.

INF2 Não de bois. De burros. Pois, dos burros.

INQ Pois.

INF1 De bestas, porque...

INF3 Há com argolas. Até está ali...

INF1 O de bestas tem argolas – é com umas argolas – e o de bois {PH|nũ=não} tem argolas.

INQ Pois.

INF1 Eu, de bois, nunca {PH|tev=tive}. De burros...

INQ Nunca teve?

INF1 De burros... Que eu nunca {PH|tev=tive} bois cá.

INQ Aqui nos, nos bois, punham aquela, aquelas partes que eram de couro, assim para pôr em cima?...

INF2 As tais meleias.

INF1 As tais meleias.

INQ Ai, porque?

INF1 As tais meleias.

INQ Usavam também com as meleias?

INF1 Pois.

INQ E, e como é que aquilo era preso à cabeça dos animais?

INF1 Era preso com umas correias, que lhe chamamos aqui cornais. {pp} Aquilo [AB]lera preso] era preso {pp} nos jugos, [AB]com o ju-] punha-se-{PH}l=lhe} aquilo [AB]pela], a meleia, por baixo, assim na cabeça do animal para baixo do jugo, e o jugo depois por cima; depois aquilo era {fp} agarrado {PH}l}f=aos} cornos – o jugo {PH}l}f=aos} cornos do animal...

INQ Rhum-rhum.

INF1 Os que têm cornos. Os burros não têm cornos: é um jugo com umas argolas no cachaço, espécie ali [AB]da, da, d-] como a belfa, que está além. É a mesma coisa.

INQ Rhum-rhum.

INF1 É{fp} assim.

INQ E depois como é que o, o arado ou a charrua, ou o carro, eram engatados?

INF1 São engatados depois no meio [RP]no meio] do tal jugo. {pp} No meio...

INQ Com quê? Com?...

INF1 Com uma corda, ou com um {RC}tamoe-=tamoeiro}. Quer dizer, antigamente havia umas correias [AB]de, de, de, de] de animal, de pele de animal, de pele de boi, que {PH}li=lhe} chamavam tamoeiros. Tamoeiro. {fp} Agora normalmente algum que tem é com uma corda faz aquilo. Pronto.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Uma corda. Mas antigamente era tamoeiros, e pronto. O tamoeiro, {fp} era o nome da gente. Porque antigamente, quando havia muita cria, era mesmo isso. Mesmo se {PH}li=lhe} punha o tal [RP]o tal] couro de boi, [AB]do] do tal couro de boi. Agora, normalmente, {fp} algum que tem duas bestas é com {fp} uma corda, com uma cordita faz [AB]lessa] essa espécie de tamoeiro. Mas o nome dele [AB]lera] é tamoeiro mesmo.

INQ Tamoeiro.

INF1 O nome dele era tamoeiro.

INQ Ora... Havia alguma, alguma correia que passasse por baixo do pescoço dos animais?

INF1 Das vacas, não.

INQ Das, das vacas não.

INF1 Das vacas, não. A correia que passa por baixo [AB]do, do] dos animais é dos burros e dos machos que é a tal belfa.

Código de identificação do ficheiro: LAR21-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: Clarinda Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Clarisse Idade: 83	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Cid Idade: 77	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160304 faixa: 1Bç1603a min: 28:20-30:57	Inquiridor2:
Assunto: Panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 21	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05

INF1 {fp} Nós tínhamos lá umas padeiras {fp} [AB|na altura de]... Coziam lá muito, as padeiras, e vendiam muito pão.

INQ Rhum.

INF1 Tinham todos os dias as padeiras de cozerem duas e três vezes, {CT|ne=não é}? E depois elas coziam em casa; e depois [AB|havia um-] havia umas forneiras, iam buscar o {fp} pão {fp} lá às padeiras [AB|e, e, e às] e às caseiras e depois levavam-no {CT|prç=para o} forno e {PH|o=} forno {PH|ku'ziu=cozia-o}. Havia assim próprias...

INQ Mas as padeiras – diga-me lá uma coisa –, as pade-, qualquer pessoa não fazia o seu pão? Havia só umas pessoas que faziam?...

INF2 Não, a gente...

INF1 Não. [AB|Qualquer] Quase toda a gente cozia, mas as padeiras também: quem {PH|nũ=não} cozia, também vendia pão para vender.

INQ Ah! Mesmo nesse tempo?

INF1 Mesmo neste tempo!

INF2 Era! Havia padeiras também.

INF1 [AB|Já] Por exemplo, [AB| para o-] {CT|prç=para os} ricos, {CT|ne=não é}? Porque em Felgueiras já havia muito rico, {CT|ne=não é}?

INQ Rhum-rhum.

INF1 {fp} Por exemplo, [AB| para o-] {CT|prç=para os} ricos, já [AB|era o] era o moletinho, era [AB|o pã-] o trigoinho e era a sêmea. Tirava a sêmea e [AB| ti-] era o trigo e {fp}era o moletinho de quatro cantos.

INQ O moletinho?

INF1 O molete. Chamavam-{PH|i=lhe} aquele...

INQ O molete!

INF2 Moletinho.

INF1 Os moletes. Chamamos-{PH|li=lhe} os moletes, {CT|ne=não é}?

INQ Sim senhor. De quatro cantos.

INF1 Quatro cantos. Lá, era um molete. [AB|E, às vezes, ia a da... Lá a...] "Olha, quero dois moletes {pp} de quatro cantos". E {fp} depois cozia para aquelas pessoas que {PH|nũ=não} coziam, {PH|nũ=não} é?

INQ Rhum-rhum. Pois.

INF1 Coziam muito.

INF3 Isso [AB|lé que era] é que sabia bem nesse tempo. (Que isto) era um consolo, comer esse trigo!

INQ Era. Muito melhor que este pão que a gente agora come.

INF1 E depois também {RC|coz-=coziam}. E depois também o resto do povo...

INF3 {PH|nũ=Não} é como agora. Agora vai tudo...

INF2 É.

INF1 O resto do povo cozia tudo, {CT|ne=não é}?

INF Pois. Então explique-me lá como é que se faz o pão?

INF2 Amassar?

INQ Sim, tudo desde o princípio.

INF1 Olhe [AB|o pão]... O pão, por exemplo, a gente tem uma masseira, {CT|ne=não é}?

INQ Antigamente. Sim.

INF1 [AB|Uma masseira de, de, de] Uma masseira [AB|de]

INQ De madeira.

INF1 de madeira. Eu até tenho ali uma. E depois tem umas peneiras, {CT|ne=não é}?

INQ Rhum.

INF1 E depois a gente peneira as [RP|as]...

INF2 E depois tem uma [RP|uma, uma]...

INF3 Oh, (deixa)/deixe-a\ falar! (Deixa)/deixe-a\ falar!

INF1 E depois tem assim um... E depois tem assim [AB|uma] umas... Como é que {PH|li=lhe} chamam aquelas coisas de pôr em cima da masseira?

INF2 Já {PH|nũ=não} me lembro como lhe chamava.

INF1 As varas!

INF3 As varas!

INF2 As varas!

INF1 Depois tem uma varinha em cima das masseiras; depois anda a gente com duas peneiras, [AB|a] a bater assim uma na outra e a farinha cai para baixo, {CT|ne=não é}?

INF2 (Eram assim)... Olhe, é o (...), olha. Olhe aqui!

INF1 Até tirar [AB|o f-] o {fp} farelo.

INF2 (...)

INF1 Tirar o farelo. E depois a gente amassa. Por exemplo, amassa o pão [AB|com f-] com fermento – {CT|ne=não é}? –, com um bocadinho de fermento ali [AB|do]...

INF2 De antigo!

INF1 [AB|Agora...] De antigo! Agora já é tudo à base de...

INQ Pronto. Mas como é que faziam esse fermento?

INF2 (...)

INF1 Depois esse fermento... Por exemplo, toda a gente tinha – quando a gente {PH|nũ=não} tinha –, mas toda a gente quase tinha fermento, {PH|nũ=não} é? De oito em oito dias {PH|nũ=não} se estragava. A gente tinha aquela malguinha de fermento, a gente botava o fermentinho no canto da masseira e fazia ali um pãozinho de fermento, {PH|o=ao} canto da masseira. Quando aquele [AB|ma-] fermento está lêvedo, está assim arreganhadinho, a gente amassava o pão. Amassava o pão, ficava o pãozinho todo amassado. [AB|Estava ali...]

INQ Portanto, a massa... Aquilo que tinha ali era o quê? Que ia fazendo assim?

INF1 Pois, [AB|era a fa-] era a massa, a massa da farinha. E depois a gente, {fp}a massa estava ali uma horinha ou duas a levedar – {CT|ne=não é}? –, a gente tornava depois a fingir. A fingir o pão. E a fazer [AB|luns pã-] uns pães.

Código de identificação do ficheiro: LAR22-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: Clarinda Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Clarisse Idade: 83	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160304 faixa: 1Bç1603b min: 07:18-08:28	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: Panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 22	
Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ1 Portanto, do, do pão-, do centeio tirava a farelo?

INF1 É.

INF2 (Era o farelo).

INQ1 Mas do trigo?

INF2 Do trigo, tiravam a sêmea e {PHlç]=os} farelos.

INF1 [ABIE do tri-] {pp} Pois.

INQ1 Como é? Diga lá.

INF1 Do trigo, tiravam os farelos.

INQ1 Primeiro. Primeira coisa que se tirava era?...

INF1 (O que tirava) era os farelos.

INQ1 Levava só?...

INF1 Depois as padeiras queriam [ABlo] a farinha mais fina, {fp} o pão mais fino, tiravam-{PHli=lhe} a sêmea. Faziam então os tais moletes e {PHlç=o} trigo; e depois daquela sêmea, daquela farinha que tiravam o {RClr=-rolão} – chamavam-{PHli=lhe} o rolão, era o rolão, não era?

INF2 Até se consolava a gente a comer as sêmeas. É, é.

INQ1 O rolão era o quê?

INF1 Era a sêmea.

INF2 (...)

INF1 O rolão era, era... Depois faziam uma sêmea. Era muito boa aquela sêmea [ABl daquela] daquele rolão mais{fp}... Do rolão, vá (...).

INF2 Mais escurinho.

INF1 Escurinho! Sabia muito bem!

INQ1 E aquela farinha que, depois de tirar o rolão, como é que lhe chamava? Aquela muito branquinha?

INF2 Era o trigo.

INF1 Era farinha esbeijada.

INF2 De beijar.

INF1 (Era de) farinha esbeijada.

INQ2 Farinha esbeijada.

INQ1 Sim senhor.

INF1 Tirávamos-{PHlli=lhe} o beijo da farinha. Peneirávamos e depois [ABliti-]... As padeiras mais, e a gente também quando era nas festas, que a gente fazia os bolos...

INF2 E doces.

INF1 Na Páscoa. E doces. A gente tirava-{PHlli=lhe} o farelo e depois [ABl daquela farinha, d-] do farelo tirado, tirámos-{PHlli=lhe} o beijo da farinha.

INQ1 Rhum-rhum. Pois.

INF1 (Aquele) beijinho. E depois, o resto, já ficava aquela farinha mais {pp} (como que) o rolão.

INQ1 Rhum-rhum.

Código de identificação do ficheiro: LAR23-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1Bç160304 faixa: 1Bç1604a min: 05:14-06:53	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Preparação do terreno	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 23	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05

INQ1 Olhe, por exemplo, um terreno que está cheio de mato, mato, de silvas, que há muito tempo que não é fabricado? Mas se quiser passar a fabricar, qual é o primeiro trabalho que tem que fazer?

INF1 Trabalho, tem que se [RP|se] tirar o monte, por qualquer motivo, para fabricar.

INQ2 E como é que?...

INQ1 E então como é que chama esse trabalho?

INF1 Cortá-lo, arrancá-lo ou [RP|ou, ou], ou quer dizer, esbouçá-lo – a gente chama de bouça –, dá-
{PH|l=lhe} uma cortadela e tal, e depois queima aquilo, queima aquela montanha, e depois já se fabrica e vende-se aquilo, o queimado.

INQ2 Mas chama bouça ao quê?

INF1 Bouçar, quer dizer, a gente corta as giestas de encontro ao monte. {pp} {fp} E com foices e tal.

INF2 (Usa uma picareta).

INF1 E aquilo fica depois no chão meio espalhado. Desde que seque, chega-se-{PH|li=lhe} fogo, do momento que seja para arder, [AB|que] que {PH|nũ=não} haja árvores, por exemplo, mansas, {PH|nũ=não} é? Se for um bocado... Porque, é claro, logo que [RP|que] haja árvores mansas, {PH|nũ=não} se deixa lá criar essa montanha. Mas, por exemplo, [AB|terras] terras dessas terras balgas, pronto, estão já como agora que está tudo cheio de monte. Olhe, isso o que se vê por aí afora!

INQ2 Chama um monte?

INF1 É uma montanha. É tudo montanha. Aquilo [AB|em m-, em m-] aqui há uns anos era tudo fabricadinho. Tudo fabricadinho a cereal. Agora, é claro, pronto, encheu-se de monte. Aquilo agora, por exemplo, [AB|se, se, se for ne-] se for necessário fabricá-lo, tem que se...

INQ1 Se quisesse, se quiser agora fabricar?

INF1 Claro, hoje já há tractores, já há tal, já {PH|nũ=não} é preciso andar a gente com esse trabalho.

INQ1 Não, mas à moda antiga.

INQ2 Antigamente.

INF1 Pois.

INQ1 Como era antigamente.

INF1 Agora à moda antiga, tinha que a gente ou arrancá-las [ABlou] ou esbouçá-las com uma foice, aquilo que calhar, e depois queimar tudo.

INQ2 Como é que eram as foices? Para bouçar?

INF1 As foices, as foices... Eu, olhe, tenho aqui. Está aqui uma, olhe, é assim. As foices [ABIsão e-] são estas [ABIsão]... Maiores e mais pequenas, a foice é isto. [ABIA gente...]

INQ1 É com cabo.

INF1 A gente é com cabo, corta...

INQ1 Feito de pau?

INQ2 E chama-lhe foice só?

INF1 É. Foice, gancha. Foice e gancha.

INQ2 Chamam-se as duas coisas?

INF1 É{fp}, é as duas coisas.

INQ2 Vou tirar uma fotografia.

INF1 Uns chamam foice, outros gancha. Eu até por acaso tenho lá três em ponto maior. Esta é pequenita, para às vezes cortar uma silvinha e assim. Isto (também) não é para fazer grande trabalho.

Código de identificação do ficheiro: LAR24-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1Bç160304 faixa: 1Bç1604a min: 18:09-20:25	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os cereais	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 24	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05

INF Por exemplo, isto normalmente é no chão. No chão, quer dizer, terras fortes. Terras fortes já são terras de renovo e terras de trigo. Por exemplo, a terra do trigo também se dá nesses 'chãos', mas o cereal {PHlnũ=não} quer ser regado.

INQ1 Pois.

INF {PHlnũ=Não} há cereal nenhum que queira ser regado.

INQ2 Rhum-rhum.

INF (O) pão e trigo e cevada, {PHlnũ=não} quer ser regado. Se o regarem, leva caminho. (Ele)

{PHlnũ=não} cresce. É a única coisa que {PHlnũ=não} quer água.

INQ2 Pois.

INF Agora, o resto, milho, feijões, batatas, assim, isso já gosta da água. Couves e saladas, etc.

INQ2 Pronto, isso é para terra de regadio e a outra é a terra?...

INF É terras secas. Chama-{PHlli=lhe} a gente terra seca, que [ABl{PHlnũ=não}] {PHlnũ=não} pode,

{PHlnũ=não} quer água, pronto. Até, se vêm anos molhados, é como a conta que eu já {PHlli=lhe}

disse: nestes terrenos que não sejam assulcados, (que) são um bocado molhados, leva caminho.

Chocam-{PHlli=lhe} as raízes, apodrecem.

INQ1 Pois.

INQ2 Claro.

INF {fp} O cereal é a única coisa que {PHlnũ=não} quer água, que [ABlnão se] {PHlnũ=não} se dá nas terras húmidas.

INQ1 Pois.

INF É.

INQ1 Aqui essas terras não lhe chamam terras de secadal? É...

INF [ABlTer-] Terras de secadável é as tais que {PHlnũ=não} têm água, as tais do cereal do pão.

INQ1 Exacto.

INQ2 Chamam como?

INF São terras secadáveis, terras secas, terras secadáveis. Terras do renovo já são terras frescas, terras [ABlterras com] com força [ABLE] e águas, pronto, as que há. Que há muitas terras que também {PHlnũ=não} têm água,

INQ2 Pois.

INF mesmo se são fundas, boas, e põe-se lá renovo. {PHlnũ=Não} há água, pronto, {PHlnũ=não} há água, mas pronto, já tem a terra [ABlum] uma certa profundidade, [ABluma de-] uma certa frescura, que vão criando renovo sem se regar. Claro, regando, é melhor. Agora, o cereal, não. O cereal praticamente dá-se quase numa fraga. O pão é a única coisa... Pronto, o pão e trigo e cevada, assim de terra {pp} para seco... Dá-se em terra, pouca terra. Num palmo ou dois de terra, dá-se o cereal. Porque {fp} essas fragas, isso que vêm por aí afora, essas terras assim ruins [ABl{PHlnũ=não} são] {PHlnũ=não} têm chão. São terras... Anda a charrua do animal quase a bater por baixo no roço. Mas o cereal dá-se.

INQ1 Ah!

INF Dá-se, porque, é claro, pasta na flor da terra e o cereal é criado praticamente na época do Inverno e das humidades.

INQ1 Pois.

INF Porque semeia-se no fim do Verão, portanto, agora ainda há (...) nas terras – sim, {PHlnũ=não} é? –, mas agora já está criado. Agora já estamos nas segadas. Já {fp} atravessa praticamente a parte [ABldo] do terreno com mais (.../N) a terra. É a razão de se ele fabricar. Porque se fosse posto como o renovo agora daqui {CTlpa=para a} frente, também {PHlnũ=não} se dava.

INQ2 Não se dava?

INQ1 Pois.

INQ2 Pois claro.

INQ1 ... Sim senhor.

INF E é a razão de se ele dar, que apanha o Inverno todo e {fp} pronto, e vai. Quando pega a terra a secar, está ele em termos de segar... É agora a altura [ABlda ce-, da ce-] da ceifeira, de segar as terras, pronto... {fp} [ABIE é] E é isso que se ele dá. É por isso que se ele dá.

Código de identificação do ficheiro: LAR25-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Cesário Idade: 14	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160304 faixa: 1Bç1604a min: 21:59-24:20	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Rega	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 25	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05

INQ1 Chama-lhe um quê, a esse depósito? Tem algum nome?

INF1 {fp} Um tanque. Um tanque, um depósito, vá. A gente: "Fazer ali um depósito", é normalmente... Normalmente é um depósito. [ABIE{fp}] E depois, por exemplo, aquilo tem [ABlum] uma torneira com uma saída pequena, a gente abre, só sai consoante a gente quer, poupa-se mais água e fica melhor a rega. Fica o serviço mais bem feito. Mas nem todos podem... Eu tenho para aí um bocado de terreno que sai assim o leva o motor: uma vai para um lado, outro vai... Vai demais, pronto. Até leva as batatas na frente.

INQ1 Claro.

INF1 Mas não há outra hipótese. É. Até leva as batatas na frente, que aquilo sai com uma velocidade danada, mas {PHlnũ=não} há outra hipótese, (governamo-nos) assim.

INQ1 Claro.

INQ2 Pois.

INF1 É.

INQ2 E aqui cada um tem o seu poço ou como é que fazem para todos poderem regar?

INF1 Quer dizer, quem tem, tem; quem {PHlnũ=não} tem, {PHlnũ=não} tem.

INF2 {PHlnũ=Não} rega.

INQ2 E como é que faz?

INQ1 Não repartem as águas ou?...

INF1 Não, não. Normalmente, não, porque normalmente é raro haver assim prédios aqui arrumados uns {PHlɔz=aos} outros, portanto, é claro, se houver um prédio aí dum vizinho que tem muita água e {PHlɔ=o} doutro não tem, a pessoa dá-{PHlli=lhe}. Dá-{PHlli=lhe} a água. Porque se há-de estar [ABla] a ir embora, logo que tenha água à farta, dá-{CTllɛ=lha}. Que [ABl{PHlnũ=não}] {PHlnũ=não}

adianta nada ir-se a perder ou assim, {PHlnũ=não} é verdade? Faz jeito {PHlɔ=ao} vizinho. Mas normalmente por aqui donde se põe o renovo, quase toda a gente tem uma aguinha.

INQ1 Rhã-rhã.

INF1 Quase toda a gente... Também só praticamente só as põem {pp} quem tem água. Isso a gente já sabe que os anos têm vindo ruins, secos – este ano é que foi um aninho menos mau –, mas já há anos [ABlque] que {PHlnũ=não} há muita, que há pouca água. E a gente já sabe: se as vai a pôr, {PHlnũ=não} as vê mais, {PHlnũ=não} põe renovo donde {PHlnũ=não} haja água.

INQ1 Claro.

INF1 É. Normalmente... E é claro, toda a gente tentou explorar e toda a gente tirou uma aguinha {CTlprɔ=para o}... Donde a {PHlnũ=não} tiraram, {PHlnũ=não} põem lá o renovo, deixam-no para outras coisas; donde tiraram água, quem calhou a arranjar água, é donde põe o renovo.

INQ2 Pois.

INF1 É assim.

INQ2 E como é que faz para?... Como é que vem a água do sítio onde ela existe para regar os vários preci-, os bocados que é preciso regar?

INF1 {fp}A água sai, por exemplo, sai... O motor tira-a [ABlse] se houver {fp}um tanque, um depósito {CTlpra=para a} pôr lá – como a gente falou –, vai; se {PHlnũ=não} houver, faz-se um rego e ela lá vai por o rego abaixo {pp} {CTlprɔ=para o} destino.

INQ1 Como é que se chama esse rego que sai logo do poço?

INF1 Há pessoas que chamam gateiras, mas normalmente uma gateira é uma coisa que está fixa, que se faz para sempre. Nós, aqui, é um rego. Pronto. Fazer um rego do poço directo {PHlɔ=aos} renovos. Por exemplo, [ABlhá] há lugares – {fp} até nessas aldeias; em Felgueiras até ainda é capaz de haver –, que faz aí uma gateira, que há ali um bocadinho de água a correr constantemente, todo o ano.

Código de identificação do ficheiro: LAR26-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1Bç160304 faixa: 1Bç1604b min: 20:57-22:30	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os cereais	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 26	Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05

INQ1 Ai o grão fica, fica todo, todo espalhado na eira?

INF1 {PH|o=Ao} fim de ele malhado. {pp} Malha-se sempre, põe-se sempre um em cima do outro.

INQ1 Ah!

INF1 {PH|o=Ao} fim de malhar o pão todo, então é que se junta, varre-se, ajunta-se todo numa rima para se juntar. Junta-se todo (...).

INQ2 Portanto, aquilo que se junta assim para o meio é de, é a rima?

INF2 Rima, montão, O montão.

INF1 É rima, Ou montão, vá. Ou montão ou rima, é a mesma coisa. É, é.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 E então, e com que é que juntam?

INF1 Com vassouras. Depois a gente arranja [AB|com] com umas vassouras.

INF2 De giestas.

INF1 Normalmente de giestas, que antigamente não havia das plásticas.

INQ1 Pois.

INF1 Faz tudo [AB|yas-] vassouras de giesta e fazia-se aí um montão.

INF2 E para eira não vão das de plástico.

INQ2 Pois. E essas vassouras chamavam-se vassouras?

INF1 Sim.

INF2 É. Uma vassoura de giestas.

INQ2 E quando estavam a fazer assim com a vassoura diz que estavam a quê?

INF1 A varrer.

INF2 A varrer. "As mulheres às eiras", chamavam até... Costumavam dizer: "Mulheres às eiras". Às vezes, quando estava a trovoar ou assim: "Mulheres às eiras". Têm muito que (...).

INF1 [AB|A gente] Porque antigamente havia muita pessoa e, é claro, e custava a varrer assim uma eira, levava um bocado de tempo a varrer.

INF2 Pois.

INF1 Porque às vezes o cereal juntava-se lá quase de palmo de altura! E, é claro, e depois{fp} as eiras havia... Donde (havendo) uma pocinha, custava a tirar de lá o pão todo da pocinha – levava um bocado de tempo – e às vezes de repente, [AB]juntava-se] a gente via uns castelos e tal, juntava-se espécie duma trovoada, em pouco tempo, e a gente então acudia. Antigamente, as pessoas eram mais amoráveis que são agora.

INQ2 *Pois.*

INF1 A gente dava um berro ou dois, um homem, apareciam ali parece que vinte ou trinta mulheres. Aquilo num instante! É como sendo, por exemplo, agora um fogo...

INQ1 *...*

INQ2 *Mesmo pessoas que estavam em casa delas?*

INF1 Sim. Pois, as pessoas estavam em casa. As pessoas estavam em casa, sentiam berrar: "Mulheres às eiras", toda que tivesse vagar aparecia logo ali.

INQ1 *Pois.*

INF1 Até se estorvavam uns {PHlɔz=aos} outros. Pronto. Fazia-se ali um montão. Se desse tempo para limpar, {fp} limpava-se; se {PHlnũ=não} desse, tapava-se com qualquer coisa para a água lá {PHlnũ=não} entrar.

INQ1 *Pois.*

INF1 É. Antigamente era assim.

Código de identificação do ficheiro: LAR27-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160304 faixa: 1Bç1604b min: 24:36-26:59	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: Os cereais	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 27	
Data da primeira transcrição: Mar.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ1 E não havia uma coisa para?...

INF1 É (...).

INF2 O rasouro.

INF1 Há um rasouro para arrasar [ABlos tais] as tais rasas, os tais alqueires.

INF2 Mas é quem queira vender. Quem queira vender é que (tem que) arrasar. {PHInũ=Não} querendo vender, [AB|{PHInũ=não}] (não é preciso) {IP|tar=estar} a arrasar.

INF1 Pronto, põe-se o saco e {PHInũ=não} se está ali a arrasá-lo.

INQ2 Pois claro.

INF1 Isto é tudo da gente, {CTIne=não é}? Agora, por exemplo, quando é: ou para pagar rendas, por exemplo, que antigamente havia essas terras que estavam à renda, que {PHInũ=não} eram dos próprios donos; arrendavam {fp}{PH|o=ao} dono por uns tantos alqueires.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 [AB|O] Esse dia então da malhada, depois de estar limpinha e preparada, a gente mandava recado {PH|o=ao} dono, o dono vinha, o dono com a gente via os alqueires, portanto os alqueires então é que se arrasavam. Enchia-se o alqueire, arrasava-se, a conta certa, e dava-se {PH|o=ao} homem lá no saco dele. E lá o levava (para casa).

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Olhe, e não ficavam, depois de malhar, não ficavam às vezes, quando estavam assim a limpar, umas?...

INF1 As rabeiras.

INQ1 Era isso. Umas espigas inteiras...

INF1 Sim. Sempre fica. Pois, sempre fica umas espigas inteiras. Isso chama-{PH|li=lhe} a gente as rabeiras.

INQ1 As rabeiras?

INF2 Rabeira moinha.

INF1 Esses restinhos depois vão praticamente para galinhas, para bestas, que ele não se junta com o outro, que são sujidades – pão partido [ABle] e espigas, [ABle] e, às vezes, ('cornilho'), que antigamente havia muito ('cornilho').

INQ1 É uma planta.

INQ2 O que era isso? Ah, é uma planta!

INF2 ('Cornilho'). Um que sai do centeio na espiga [ABldo] do centeio. Forma lá assim uma coisa preta [ABle{fp}].

INF1 Na espiga do centeio. Que isso dava muito dinheiro antigamente.

INQ1 É.

INF1 Um quilo disso antigamente era capaz de dar sete ou oito centos mil réis.

INQ2 Mas e servia para quê?

INQ1 Para que é que servia?

INF1 Isso era para medicamentos.

INQ1 Ah!

INF1 Era para medicamentos.

INF2 Levavam-no para baixo. Ele andava muito procurado.

INF1 Isso era muito procurado. [ABIA gente estava] Quando estavam a limpar, [ABlé um, é um] é um corninho como isto, assim preto, assim género [ABlde] desta folha, o que é escuro.

INF2 Andavam sempre (...) aí atrás dele. Preto.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Preto. E{fp} por exemplo, a gente estava ali {PHl=ao} pé de limpar, havia pessoas já própria que {PHlnũ=não} deixavam perder um.

INQ2 Pois.

INF1 É como a gente aí [ABla] a encontrar dinheiro. Tal é!

INQ1 Claro, que isso rende dinheiro!

INF1 Que aquilo dava muito dinheiro antigamente!

INQ2 Então, pois!

INF1 E antigamente {CTlpra=para a} gente arranjar cem escudos era um problema, não é?

INQ1 Claro.

INQ2 Pois.

INF1 Pois, aquilo é... E havia muito antigamente! Havia muito...

INQ1 Agora o cereal tem menos isso?

INF1 Então, [AB]já] já {PHl'kwazi=quase} {PHlnũ=não} se vê. Lá se vê um grãozinho {PHl=ao} meio, mas raro!

INQ1 E já ninguém também compra?

INF1 Já não. Agora já {PHInũ=não} procuram. Agora já ninguém {PHIfaj=faz} caso dele. Agora, no tempo da nossa criação, isso valia muito dinheiro! [ABl{PHInũ=Não se}] {PHInũ=Não} se limpava (quanto) /quando\ era [ABlum] um cereal... Cereal nenhum! Mas isso só dá no pão! Só é no pão!

INQ1 Ai é só...

INF1 [ABlNo{fp}] No outro cereal, não.

INQ1 Pois, pois, pois.

INF1 É só no pão.

INQ1 É só no pão.

INF1 {PHInũ=Não} havia! Chamavam-{PHIli=lhe} o ('cornilho'). {PHInũ=Não} se deixava perder um! Havia pessoa já própria, consoante se limpava, ali {PHl=ao} pé do montão, [ABlconsoante caía a{fp}] consoante a pá botava, caía (ali limpinho). Havia outra pessoa ali, uma pessoa ali {PHl=ao} pé, ou duas, a apartar, a guardar isso, que isso (valia bom dinheiro)!

INQ2 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LAR28-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: Cipião Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160506 faixa: 1Bç1606a min: 19:22-20:26	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 28	
Data da primeira transcrição: Abr.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ1 Mas então, explique... Como é que o senhor se chama para já, que eu não sei?

INF (Era) Cipião Clímaco Colombo.

INQ1 Cipião Clímaco Colombo. E que idade é que tem?

INF {fp} Setenta.

INQ1 Setenta. E é mesmo aqui natural de?...

INF Mesmo natural daqui.

INQ1 De Felgueiras?

INF E o meu pai era então Cipriano Cruz Colombo.

INQ1 Sim senhor.

INF Nós (ainda) trabalhámos em grande escala. Naquele tempo, (a gente) tinha tudo quase manual; tivemos uma roda hidráulica puxada a água.

INQ1 Ah, que engraçado!

INF Depois – bom, {PHInũ=não} havia electricidade – tivemos um motor também, {fp} avariava de vez em quando, que era velho.

INQ1 Pois.

INF E assim se ia, lá se fabricavam ferramentas fortes. Seitouras, então, é que fazíamos em grande escala, que (aquilo) era agora para esta altura da época. Fazíamos à volta de cinco, seis mil seitouras para segar o centeio e os trigos.

INQ1 Cinco a seis mil seitouras?

INQ2 Tchii!

INF Era, era.

INQ1 Tchii!

INF Chegámos a fazer às seis mil, cinco mil. E éramos, nessa altura, à volta de catorze {fp} a trabalhar, empregados e filhos e {fp} coisa.

INQ1 Na sua... Só na sua oficina?

INF Só na oficina.

INQ2 Que engraçado.....

INF E hoje, olhe, está a cair tudo!

INQ1 Pois.

INF Está abandonada!

Código de identificação do ficheiro: LAR29-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: Cláudia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1Bç160708 faixa: 1Bç1607a min: 03:24-07:53	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A alimentação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 29	
Data da primeira transcrição: Abr.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ1 Então e o unto?

INF O unto, pois. É. O unto também é derretido [AB|para] para botar nas alheiras {pp} e nas morcelas.

INQ1 Usam só para as alheiras?

INF É, é. De antigamente a gente comia-se. Antigamente comiam-se.

INQ1 Como é que fazia?

INF Derretia-se, metia-se... Há quem o{fp} salgasse e depois metiam-no no caldo, de vez em quando – os pobres, vá.

INQ1 Faziam assim uma coisa redonda, não era?

INF Pois, pois. Uma bola.

INQ1 Uma bola.

INF Uma bola. E depois dali o iam tirando para comer. [AB|E] E serve o unto também para (coisar) as pipas do vinho. {CT|pra|=Para as} pipas não vazarem, botam-{PH|li=lhe}{fp}, {CT|ne=não é}?

INQ1 Para, portanto, para?...

INF Pois, pois. Para tapar as (frinchas) dos tonéis.

INQ1 Para tapar. Portanto, aquela parte que, que derretem e que formam aquelas coisinhas pequeninas que se comem é os rijões?

INF Pois. É os rijões.

INQ1 A parte da frente... Estou-me a esquecer duma coisa qualquer, que se costuma perguntar aqui relacionado com esta, mas não interessa.

INQ2 Com qual?

INQ1 Com o unto e com o pingo. Bom! Ah, já sei o que é que é. Já sei o que é que eu queria perguntar mas não estava... É que falou nas alheiras e nas tabafeias.

INF Pois. Nas morcelas e tabafeias.

INQ1 São diferentes as alheiras e as tabafeias?

INF São. São. Porque as morcelas são pretas; as alheiras é [AB|uma {pp} cor da, outra] outra cor.

INQ1 E a tabafeia?

INQ2 Não, mas as tabafeias?

INF As tabafeias também têm outra cor das chouriças.

INQ2 Mas é o quê? É outro?...

INF É a carne que sai... Uma carne mais [ABlensan-] ensanguentada que sai do porco que aproveitam {CTlpra3=para as} tabafeias. E {PHl3=ao} bucho, o tal bucho.

INQ2 Portanto, a tabafeia também é escurinha?

INF É, é escura.

INQ1 Portanto, não tem é nada que ver com a alheira? É uma coisa diferente, a alheira?

INF Não. É diferente. A alheira é uma, a chouriça é outra, a tabafeia é outra e {PHla3=as} morcelas são outra. {pp} E {PHl3=0} salpicão é outro.

INQ2 Pois.

INQ1 E como é que é feito o tam-, o tempero para essas várias coisas?

INF Por exemplo, {CTlpra3=para as} morcelas: leva só{fp} água, sal, (...) e umas cebolas. E sangue.

O tal sangue que se apara do porco bota-se {CTlpra3=para as} morcelas.

INQ1 Mas levam alguma carne também?

INF Não.

INQ1 Nada?

INF {PHlnũ=Não} levam. As morcelas {PHlnũ=não} levam carne nenhuma, nenhuma! Mais só pingo e azeite. Depois as tabafeias levam: é [ABla, as] as carnes que levam um bocadinho de sangue aproveitam-nas para fazer tabafeias; e do baço e [ABldo{fp}] dessas coisas assim [ABlque] que aproveitam das buchadas porque é para fazer tabafeias. [ABIE é o que]

INQ1 E o, e o tempero é qual?

INF E o tempero é: alho, sal, pimento, louro {pp} e malagueta. Que é o mesmo tempero que botam às chouriças e {PHl3=aos} salpicões. {pp} E {PHla3=(as) /às\} alheiras já é o pingo – que a gente derrete o tal unto –, derrete-se o unto e bota-se-{PHll=lhe} alho; {fp} na caldeira a cozer – não é? –, [ABla] põem-se as carnes gordas, frango e{fp} as carnes que a gente quer meter para fazer as tais alheiras; migam-se-{PHlli=lhe} pão [ABlumas] numas bacias grandes, põe-se aquela carne a cozer toda na caldeira, e a gente depois de ter o pão talhado e {PHla3=(as) /às\} migas e {PHl3=(o) /ao\} pingo do tal unto, derrete-se e depois bota-se a fazer [ABla] as migas [ABldo] do (fumeiro), que chamam as migas do (fumeiro) do (pote) /porco\; e [ABlde] metem-se então assim a fazer {fp} as alheiras. Ficam boas.

INQ2 Devem ficar muito boas!

INQ1 Aqui nunca fazem com o sangue u-, umas doces?

INF Pois, é [ABlas] a tal morcela, que nós lhe {PHlfv'memuz=chamamos} aqui.

INQ1 Ah, são doces?

INF São doces.

INQ1 Ah!

INF Levam açúcar. E para fora chamam de dedos de... Como é que {PHlli=lhe} chamam? Lá para baixo chamam-{PHlli=lhe}... {PHlnũ=Não} sei que nome é que {PHlli=lhe} dão...

INQ2 Pois, mas essa é feita, é feita com açúcar?

INF Farinheiras!

INQ2 Ah!

INF Lá para baixo são farinheiras.

INQ2 Sim senhor.

INF As farinheiras não levam açúcar.

INQ1 Pois.

INQ2 Não. Mas as vossas morcelas levam açúcar?

INF Levam açúcar.

INQ2 Não levam mel?

INF Levam mel, quem {PHllu=lho} queira pôr, quem {PHlnũ=não} queira...

INQ2 E mais? O que é que lá põem mais dentro?

INF E amêndoa.

INQ2 Ah!

INF Também, quem queira; quem {PHlnũ=não} queira, [ABl{PHlnũ=não}] {pp} {PHlnũ=não} põe.

INQ1 E o salpicão?

INF O salpicão leva: é o lombo e a parte que a gente que veja que é boa [ABl{CT|prɔ=para o} lo-, {CT|prɔ=para o}] {CT|prɔ}=para os} salpicões, bota-se daquela carne assim {fp}a curtir também oito dias. É (o) alho, pimenta, o louro [ABle{fp}] e malagueta, é a carne e vinho e água, tudo a curtir em sal.

Código de identificação do ficheiro: LAR30-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160708 faixa: 1Bç1607b min: 21:21-22:36	Inquiridor2:
Assunto: As abelhas e o mel	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 30	
Data da primeira transcrição: Abr.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ E o macho da, da abelha?

INF [AB|Disso, di-] Disso falta... Isso é que {PH|nũ=não} posso dizer.

INQ Não, não?...

INF Só se ouve falar na mestra. (A) mestra.

INQ Não há uns que são, que também andam sempre à volta com elas e que depois elas até os matam?

INF [AB|Isso] Isso há, aqui há muito, (o que é) esfarrapam mas é as bravas. Não, não. [AB|As bravas]

As bravas, há uma qualidade [AB|de] de abelhas bravas meias avermelhadas, {fp} assim meias

{RClaver=avermelhadas}...

INQ Têm assim pêlo nas costas?

INF Sim. Meias...

INQ Até parece que tem uma?...

INF Quer dizer,

INQ ...

INF são maiores do que as outras, o que são é doutra cor, assim mais compridas. E essas abelhas

[AB|em de pegarem], logo que se peguem a meter no cortiço, matam as outras todas.

INQ Ah!

INF Matam as mansas todas. São mais fortes que as mansas.

INQ Olhe...

INF Lá será... Pode haver outra coisa, mas nós aqui é assim: quando se metem as tais bravas –

{PH|j'e'memu3li=chamamos-lhe} as abelhas bravas –, essas abelhas bravas logo que se peguem a meter num cortiço, tem que morrer as mansas.

INQ E aquelas que a sua senhora estava a dizer?

INF O?...

INQ O que é o abelhão?

INF {fp} Abelhões aí, a gente aqui abelhões chama a um bicho grande preto que se mete até na madeira, até faz buraco, faz buracos na madeira...

INQ Mete-se nas canas assim?...

INF Pois, nas canas faz... Em 'qualquera' pau, ele faz um buraco e mete-se lá dentro.

{PH|ʃe'memuʒli=Chamamos-lhe} abelhões.

Código de identificação do ficheiro: LAR31-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160708 faixa: 1Bç1607b min: 25:35-26:39	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As abelhas e o mel	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 31	
Data da primeira transcrição: Abr.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ1 E como é que se tira o mel?

INF Ah, há muitos modos de o tirar. Há pessoas [AB|há pessoas que] que agarram, quase dão conta das abelhas, põem-{PH|li=lhe} um pouco de fumo, [AB|lum{fp}] um farrapo a botar fumo {PH|o=ao} fundo, elas fogem todas para cima, tiram o mel todo; tiram o mel depois por baixo, um bocado; {fp} há outros que arranjam umas crestadeiras, com uma colher tiram-{PH|li=lhe} um pouco e depois lá deixam outro pouco. Há muito modo de o tirar!

INQ1 E essas crestadeiras é o quê?

INF Quer dizer, é espécie de... [AB|(Espécie)/Parece\, vá] É uma coisa quase como, por exemplo, como as mulheres lançam o caldo, aquelas colheres que há, praticamente, de lançar o caldo.

INQ1 Pois, pois.

INQ2 Uma coisinha assim ...

INF Sim. [AB|Com uma] Com um coiso {PH|o=ao} fundo. Aquilo metem, vem cheio, botam para um cântaro ou para um barril qualquer...

INQ1 E a crestadeira?

INF É (que é) a crestadeira. Tiram, pronto, o que entendem e botam...

INQ1 E quando estão a passar, a fazer esse trabalho ...

INF [AB|Tem que se] Quer dizer, têm [AB|que se] que se mascarar logo que {PH|nũ=não} cheguem, logo que seja por cima, têm que pôr uma máscara e luvas e coisa, taparem-se bem...

INQ1 Digo: "Olha, eu hoje vou" quê?

INF Vou a crestar. [AB|Porque] Porque aquelas, não estando a gente bem preparada, elas ferram (...).

INQ Claro. Olhe...

INF Tem que estar bem coberto.

Código de identificação do ficheiro: LAR32-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160910 faixa: 1Bç1609a min: 19:55-21:11	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Outros animais marinhos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 32	
Data da primeira transcrição: Abr.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ1 Lontra? Nunca ouviu falar numa lontra? Não?

INF Já se tem 'ouvisto' falar, mas [AB|só ass-] só assim ribeiros muito...

INQ2 Aqui não havia?

INF Nos nossos ribeiros {PH|nũ=não} há isto.

INQ1 Pronto.

INF Porque {PH|nũ=não} há água [AB|para, para] para este animal se esconder.

INQ2 Suficiente.

INQ1 Pois.

INF No nosso ribeiro... A gente tem 'ouvisto' falar em lontra. No rio já os há. Nesses rios grandes.

INQ1 Qual rio? Ali no ... já há?

INQ2 Hum!

INF É natural que há, porque isto [R|pisto]...

INQ1 Mas o senhor já o viu?

INF Não, não.

INQ1 Ah!

INF Eu ouço falar.

INQ1 Falar.

INF Eu ouço falar; agora, eu, ver, {PH|nũ=não} a vi.

INQ1 Sim senhor.

INF Agora ouço falar que há lontra, agora...

INQ1 E a papalva já viu?

INF Papalva já.

INQ1 Tem uma pele boa?

INF Uma pele muito linda!

INQ1 Duzentos e dezanove!

INF Aquilo se puderem agarrar, dão muito dinheiro por essa pele.

INQ2 Pois.

INF Porque {PH|nũ=não} é assim...

INQ1 Sim senhor.

INF [ABIÉ] É difícil agarrá-las, vá. É muito difícil. Isso só matando-as [AB|com, com] com uma arma. Quando se virem, matá-las só com uma arma, porque apanhá-las, sobem {CT|praz=para as} árvores. E assim uma ocasião, até julgava {pp} que os cães que a apanhavam: estava em cima numa árvore e os cães debaixo, eu disse: "Bem, [AB|em descendo] {pp} em descendo para baixo, os cães agarram". E eu tentei botá-la abaixo a ver se os cães a agarravam, mas atirou um pulo tão grande para outra árvore, assim por o ar, meteu-se lá num buraco, pronto! E eu a contar que: "Bem, vens para baixo e os cães agarram-te"! [ABI|Tive] Tive muita pena dela, que aquilo era mesmo linda, linda, linda! Lá se meteu, lá se salvou!

INQ2 Pois.

INF É verdade.

Código de identificação do ficheiro: LAR33-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1Bç160910 faixa: 1Bç1609a min: 23:55-25:20	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Os animais bravios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 33	
Data da primeira transcrição: Abr.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ1 E o macho da lebre?

INF1 Um lebrão.

INF2 É um lebrão.

INQ1 E o filhote?

INF2 É um coelhito.

INF1 {fp} Lebretinhas ou lebretinhos pequenos, vá. Lebretinha ou lebretinho.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Sim senhor. Olhe, e eles onde é que se escondem lá no campo?

INF1 Os coelhos? Os coelhos, em qualquer buraco que possam. [AB|Agora]...

INQ2 Chama-lhe um quê? "Olha, está aqui um"...

INF1 Quer dizer, [AB|há] há 'garinceiros'. Também [AB|há] há um lugar que {PH|li=lhe} chamam 'garinceiros', que se metem lá, que os furões {PH|li=lhe} botam fora. Mas escondem-se em vários lugares. Em qualquer buraquinho se metem e se escondem. Mas em certos buracos, os furões {PH|nũ=não} os botam fora; agora nos tais 'garinceiros'...

INQ2 E qual é a diferença entre o 'garinceiro' e um buraco qualquer?

INF Quer dizer, {fp} o tal 'garinceiro' é uma espécie duma casa. São {fp} umas fragas grandes, que têm lá por dentro, que se metem lá até meia dúzia deles, se muito bem calha, {pp} nos tais 'garinceiros'.

INQ2 Ah! É no meio das fragas? É um buraco entre as fragas?

INF1 É entre as fragas, aquilo tem um buraco e aquilo [R|Plaquilo] praticamente é guardado, só tem uma entrada.

INQ2 Sim senhor.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Só tem uma entrada e então no momento que os vejam entrar para lá, metem-{PH|li=lhe} o furão e têm que vir ali à entrada em que entraram que não há mais. E então depois apanham...

INQ2 Enquanto que no outro buraco dos coelhos há m-...?

INF1 Há muitos buracos: (mesmo) entram por uns, saem por outros; e às vezes escondem-se em qualquer buraquinho, a gente vai lá ver, julga [AB]que que o apanha, já vai embora por aquele. E é isso o buraco [AB]dos, dos] dos 'garinceiros'.

INQ2 Sim senhor. Olhe, e aquele sítio onde os coelhos fazem?...

INQ1 A criação?

INF1 Isso chamam lorgas.

INQ2 Lorga?

INF1 Rhum-rhum. É lorga.

INQ2 Sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: LAR34-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante2: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 3ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160910 faixa: 1Bç1609a min: 25:23-26:20	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: Os animais bravios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 34	
Data da primeira transcrição: Abr.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ1 E a lebre?

INF1 A lebre [AB|põe{fp}] põe no chão como uma perdiz.

INQ1 E chama-se-lhe o quê?

INF1 Pare...

INQ1 "Olha, está aqui uma" quê?

INF1 Um ninho duma lebre. [AB|Pare] Pare no chão, como já eu tenho visto.

INF2 Uma cama. Uma cama (de lebre).

INF1 Cama não. A cama é [AB|de se] de se pôr a dormir.

INF2 Ai é?

INF1 Hoje faz uma cama aqui, uma cama além.

INQ1 Ah, pois!

INF1 A cama é diferente.

INF2 Ah!

INQ1 A cama é para dormir?

INF1 A cama faz mesmo {fp} uma poça. Agora para parir não. Para parir, põem [AB|os ca-] os lebreteinhos dentro, que (ele) já os encontrei eu. É como o...

INQ1 Rhum.

INF1 [AB|É] É o único animal que {PH|nũ=não} faz ninho é [AB|ela e o] ela e {PH|o=o} cá-vai.

INQ1 O cá-vai também não faz ninho?

INF1 O cá-vai também põe os ovos, (ele) já os eu tenho encontrado aí como {PH|'kerε=queira}, onde {PH|'kerε=queira}, pronto, (...) onde quase toda a gente põe os pés. {PH|nũ=Não} vê nenhum ninho. É o único animal que não faz ninho [AB|para, para] para fazer. Agora todo o pássaro faz ninho [AB|agora a lebre e o, e o{fp}]...

INF2 O cuco {PH|nũ=não} faz ninho.

INF1 Não, não é.

INQ1 Não.

INF1 Ainda agora disse. A lebre e [ABlo{fp}]

INQ2 O cá-vai.

INF1 o cá-vai põem {fp} os ovos onde querem. Não fazem ninho.

Código de identificação do ficheiro: LAR35-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: Clara Idade: 50	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: César Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª classe
Informante3: Cesário Idade: 14	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160910 faixa: 1Bç1609a min: 27:56-28:56	Inquiridor2:
Assunto: Os insectos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 35	Data da primeira transcrição: Abr.04 Data da revisão final: Jul.05

INQ Diga?

INF1 A abelha ou a varejeira.

INQ Varejeira.

INF2 Ele parece a abelha, vá, mas...

INQ Mas não é, não.

INF2 É a grandura como a... É grande [AB|como as] como as varejeiras, pois é claro.

INQ Olhe, aquele é um?... Dá uma pica...

INF3 Moscardo.

INQ Exactamente. Dá uma picada muito grande.

INF3 Moscardo.

INF1 É o moscardo.

INF2 É. E são [AB|muito] muito bravos (os ladrões) desses moscardos. E o...

INQ Olhe, este é aquele que anda, à noite anda ali assim à volta da nossa?...

INF1 [AB|Guita-] Guitarristas.

INQ Exactamente.

INF2 Ele aqueles é os que fazem meter as ovelhas a cabeça umas debaixo das outras, o moscardo.

INQ Ai, o moscardo!

INF2 {fp} São terríveis!

INQ Mas este aqui como é que lhe chama?

INF2 É, é... Nós há{fp} uns bichinhos de noite que são mosquitos que {PH|li=lhe}

{PH|}v'memu3=chamamos}. São muito chatos.

INF1 Mosquitos e guitarristas.

INF2 Ou guitarristas. São muito chatos...

INF1 Mosquitos e guitarristas.

INQ Fazem tzzz?

INF1 É.

INF2 Andam sempre {fp}{PH|oz=-aos} olhos da gente, {PH|oz=-aos} ouvidos e coisa, sempre a fazer aquela (asneirinha).

INQ Andam sempre ...

INF1 São guitarristas.

INF2 E mordem também bem!

INQ E mordem, rhã-rhã.

INF2 Mordem também bem! Há lugares...

INF1 Lá para baixo é que há muitas.

INF2 Há lugares que a gente, mesmo de noite, está deitado, logo que tenha uma parte destapada, eles [AB|lá arra-] lá sabem que está a gente destapada.

INQ É.

INF2 A gente é obrigada a tapar-se porque [AB|pa-] senão passa a noite a coçar-se.

Código de identificação do ficheiro: LAR36-C	
Localidade: Larinho Distrito: Bragança	Concelho: Torre de Moncorvo Data: Jun.96
Informante1: Claudina Idade: 81	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Clementina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1Bç160910 faixa: 1Bç1609b min: 20:49-24:09	Inquiridor2:
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 25 faixa: 36	
Data da primeira transcrição: Abr.04 Data da revisão final: Jul.05	

INQ Desde o princípio, como se prepara a terra até...

INF1 Bom, prepara-se a terra, o lavrador vai, lavra {pp} a terra duas vezes, ou até três. É decruada e (travessada), depois é semeada. Semeia-se o linho. Passado tempo de o linho {IP|tar=estar} nascido, vai ver se há erva e a gente monda-o; e depois de o linho estar já grande, com a flor, a flor deita uma (casulinha) que é a semente. (Está pronto). [AB|O linho] O linho cresce bastante e deita uma (casulita) que é a semente. Depois a semente, depois, quando está seco, a gente arranca o linho e sacode a semente para qualquer coisa – num toldo ou qualquer coisa, como a gente {PH|li=lhe} chama; não pode ser na terra, no chão, não é? –, e {fp} aquela semente guarda-se; o linho, depois, quando está bem seco, [AB|aquele, o cana] a cana do linho vai-se a levar {CT|pç=para o} ribeiro, {CT|pç=para o} rio; está lá oito dias. A gente vai {PH|ç=ao} ribeiro – chamamos até uns ribeirozinhos onde íamos metê-lo –, e tapava-se, punha-se com muitas pedras, para ele não vir acima, ficava no fundo; passados oito dias, a gente ia tirar o linho, estendia-se ali por aquelas {fp} terras fora ou um (...) que estivesse em volta, (estendia-se ali) o linho; e depois ia-se buscar, quando estivesse (seco) ia-se buscar. Quando houvesse vagar e se pudesse, chamavam-se {fp} mulheres – que lhe chamavam as maçadeiras – com umas maçãs, maçavam, maçavam, maçavam; depois de maçar, uma delas, ou duas ou três – conforme era o linho das pessoas e (que eles) /aqueles que\ tivessem muito –, [AB|com umas] com uns panos de estopa, esfregavam, esfregavam muito bem esfregadinho; depois de esfregado iam para uns (coisas) de cortiça – que {PH|li=lhe} chamavam uns cortiços –, e elas punham aquilo e, com uma espadadela, espadavam, espadavam até ficar bem espadado; depois de espadado – mais ou menos, depois passado uns tempos, {PH|nũ=não} era logo tudo assim umas coisas atrás das outras, não é? –, passado uns tempos, iam a {fp} {pp} o restelo, (parece que) era restelo que chamam, o restelo, a restelá-lo para ficar... Tiravam o melhor e ficava o mais (ruim). Tiravam o linho melhor e ia ficando o outro que se chama estopa, que era a mais grossa; e depois faziam aquilo nas (estribas) – chamavam (estribas) –, [AB|passado] quando pudessem, durante o Inverno é que se fiava, punha-se nas rocas e fiava-se. Aquele (...) melhorzinho era

o linho – o linho fino, (fiado donde) é que vem o lençol, (que se pode ver, aquilo é que era) linho – e o outro era estopa, que depois faziam {fp} colchões, que eram colchões de palha, que se metia {PHlnũ=não} era só a palha (...) que há agora, os colchões e isso. E agora desses colchões, sacos...

Nessas casas ricas havia sacos para... Não havia sacos como é agora, é sacos de estopa {CT|pra=para a} sementeira, {CT|pra]=para as} colheitas, para o cereal e isso, era esses sacos.

INF2 {CT|pra=Para a} eira.

INF1 Para levar {CT|praz=para as} eiras. E sacos, ainda no outro dia fiz um jogo, bem bonito e a Clementina também (dirá) /terá\, desses sacos grossos.

INF2 (...)

INF1 Desses sacos grossos, [AB|de que] que eram antigos. Eram antigos. Eu tenho ali ainda alguns. (...) Uns bocados que ainda é para fazer alguma coisa, mas a minha idade já não me permite fazer muito.

INF2 Não, não!

INF1 [AB|IE] E de maneira que se fazia assim. [AB|A i-] Ah, mas ainda {PHlnũ=não} disse: depois [AB|de, do] disso, de estar compostinho, ia {PH|o=ao} tear.